



0

ALABAMA



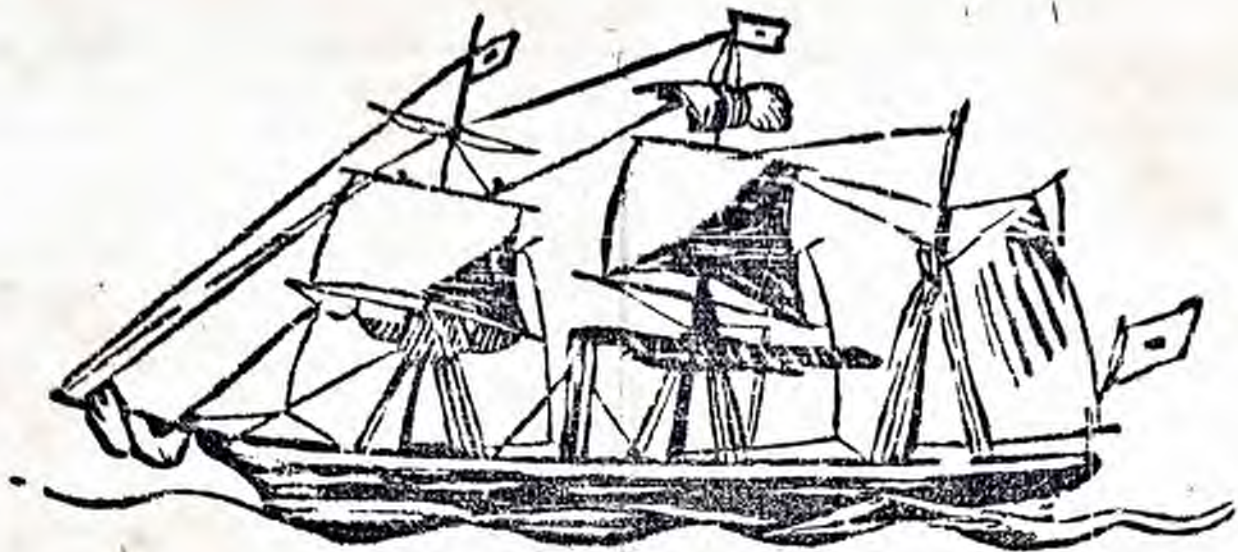
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 49.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

3 DE ABRIL DE 1869.

N. 488.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
2 de abril de 1869.

Officio á Illm. camara municipal, comunicando-lhe que a bocca de lobo existente no becco do Motta acha-se convertida em deposito de lixo e immundicie, entupida até a superficie, e sem a respectiva tampa, dando isso causa a que quando chove transborde e exhale insuportavel fedentina. Consta que um morador ja se propoz a concertal-a a sua custa, mas a isso oppoz-se o respectivo fiscal, por ser, dizia, uma usurpação das attribuições da camara; entretanto, vaepassado quasi um anno sem que a minima providencia appareça; o que espera-se agora com a presente reclamação.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que o muro do convento do Desterro acha-se desaprumado e rachado; parte desse muro já desabou o anno passado e é bem possivel que com o proximo inverno desabe o resto, causando funestos prejuizos ás propriedades fronteiras e ás vidas dos transitantes. Espera-se que S. S. se dignará tomar providencias em tempo, para que não se venha a lamentar algum desastroso successo.

—Ao medico interno do hospital dos Lazaros. — Constando que S. S. adoptara no re-

gimen therapeutico desse hospital um sistema inteiramente diverso do de seu antecessor, reduzindo os doentes a rigorosa dieta de pão e carne, quando aquelle lhes mandava dar gallinha, peixe, vinho, etc., conforme o apetite de cada um, ao passo que torna-se incansavel no receiptuario, ao ponto de não haver dia em que cada doente não seja medicado, cumpre que S. S. informe si é alguma descoberta que fez para a cura da terrivel molestia por tal methodo, porque nesse caso deve S. S. ter muito cuidado para que não lhe venha a acontecer como o caso do homem que queria acostumar o cavallo a não comer, ou si S. S. assim pratica puramente por amor da economia.

—Aqui está uma do olho-vivo que nada deixa a desejar.

—O Sr. Bolotas, um dos mais activos soldados da companhia, e cuja fertilidade de recursos, por mais de uma vez tem mostrado, encaminhou-se segunda feira 29, para a Soledade. Entrou na padaria do Sr. Salustiano, com ares de negociante de Alagoinhas, e encommodou tres barricas de farinha, á pretexto de lhe ser dahi mais facil a condução para a estrada de ferro.

Em quanto se preparavam as barricas, disse que ia á uma venda perto comprar diversos generos; dahi á pouco voltou pedindo ao padreiro 5\$ rs., emprestados, pois que o vendelhão não tinha troco para 100\$ rs.

O padeiro cahiu e o Sr. Bolotas largou-se com os cinco paus.

—Esta gente tem pacto com o diabol
—E todo o dia encontram quem caia!

LA VAE VERSO

Ai, zombastes de mim, tu zombastes,
Dos carinhos que eu louco fazia
Quando em ti tanto amor soletrava,
Quando em ti tantas graças eu via?

Queira o ceu me vingar da inconstancia
Com que amor tão fiel apagaste;
Ja que foste perjura a teus votos
E dos ternos carinhos zombaste!

As agulhas espetem te os dedos,
Dê nó cego, arrebente-se a linha,
Com que coses as tuas costuras
Reclinada a janella á tardinha.

Nos domingos e dias de festa
Não encontres o pente cheiroso,
O vidrinho de banha se quebre,
Não retrate-te o espelho lustroso.

Não encontres a linda pulseira,
Com que enfeitas o braço mimoso,
Nem o anel de cabellos daquelle
Que sorri de venturas ditoso.

Não encontres prazeres na dansa,
Ja que ingrata e inconstante assim és;
Quando fores aos bailes, ás festas,
As botinas machuquem-te os pés.

E não olhem-te os moços na rua,
Não contemplem teus magos primores,
Não te peçam uma graça, um sorriso,
Não te escrevam cartinhas d'amores.

Vivas triste, isolada do mundo,
Separada das outras e só;
Seja tudo contrario a teus votos,
Té que um dia de mim tenhas dó!

Eis as pragas que rogo-te ingrata,
Uma vez na semana, ao domingo;
Ah, si Deus escutar os meus votos,
Deste modo de certo me vingol

(Extr.)

Á PEDIDO

—Capitão, supponha V. Ex. que eu moro em um palacio cercado de copudas mangueiras, dentro de uma roça.

—Estou lhe ouvindo.

—Que na dita roça entra uma mula de um meu visinho; qual deve ser o meu procedimento em tal caso?

—Mandal-a para o curral do conselho, si

não quizer usar da condescendencia de en-vial-a a seu visinho, que em todo caso é uma acção urbana.

—E, si ao contrario, eu lanço mão do animal, que não é meu, deito-lhe duas caugalias e o mando para a rua vender agoa?

—Agora o caso muda de figura. Chama-se a isso usurpar o alheio contra a vontade de seu dono.

—Não estou satisfeito com a definição.

—Veja se lhe serve esta:

Agazalhar o que é dos outros com má fé.

—Tambem não, visto que a besta andava publicamente pelas ruas carregando agoa.

—Então em bom portuguez isto chama-se surripiar, roubar a propriedade alheia.

—Agora sim, acertou.

—Mas sou capaz de apostar que a comparação não tem relação comsigo.

—São artes do Antonio.

—Logo vi.

—O Rodrigues contou-me que, estando hontem a tomar fresco embaixo de uma noqueira, ouvira esta conversa.

—Meu charo, o que V. diz é justo; mas que é das provas?

V. sabe que nesta terra os ladrões são conhecidos, mas niquem os pode chamar pelo nome para não pagar injuria.

—Neste caso, não se faz nada.

—Diz V. que o sujeito tinha uma irman a quem quiz forçar a um casamento contra vontade, que ella desesperada, depois de lucta tenaz, como derradeiro recurso enforcou-se e que abafou-se tudo, e por ficar abafado mesmo é que não se pode tratar disso.

—O' Latronopolis!... terra contaminada!

—E depois é um caso passado fora da capital.

—Mas que V. Ex. podia verificar.

—Homem, deixe lá. Nós temos uma policia, que dizem ser das mais atiladas e previdentes, ella, si quizer, procure o fio da historia.

—E que seja bem minuciosa; porque, ás vezes, n'uma lagoa pequena escondem-se monstros vorazes.

—E' mal sem cura!

O celebre Manuel Desiderio, em S. Francisco de Paula, ha pouco processado por haver extorquido de um incauto 400\$ rs., por meios dolosos, continúa a chamar á sua casa os inexperientes tabareus, que são roubados escandalosamente por meio de jogos e advinhações artificiosas.

Mas como não ser assim, si elle e seus companheiros ficam impunes sempre?

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pede-se que lance suas vistas para aquelle covil.

—E's o *Manoel Naruteiro*?

—Sim, senhor; o que dispõe?

—Como escapastes, tratante?

—Escapei de que?

—O' lá bandido, queres affectar de innocente?

Como é que tu andas frescando, quando teus socios estão na ganga, tu, o maior colosso da quadrilha?

—Cada um que va se aguentando. No tempo de muricy cada qual trata de si.

—Ja sei, te pozestes de fora, deixando os companheiros na rascada.

—E ja abri nova sociedade.

—Sei disso. Fizestes alliança com o *Zé Russo*.

Ora bem, daqui seguirás commigo ao capitão do *Alabama*, a quem contarás a tua historia para receberes o premio de teus feitos.

(Continúa.)

—Capitão!

—Diga.

—Leu o *Diario da Bahia* de 31 de março?

—Li, porem não prestei muita attenção.

—Peço-lhe que leia de novo e avalie o estrangeiro mandando no governo actual.

—V. está maluco, homem de Deus; porem que negocio é esse em que o estrangeiro manda mais que o governo?

—Eu lhe digo—não viu o artista dramatico Bento pedir ao governo o theatro publico para dar um beneficio em seu favor, attento ao seu lastimoso estado de saude?

—Não reparei; mas o que ha de novo?

—E' que o governo mandou que o homem se entendesse com o emprezario da companhia lyrica, para por favor lhe conceder o theatro para o fim desejado.

—E o que respondeu elle?

—Que não dava.

—Que vorgenha:

N'este caso, esta terra só é dos estrangeiros.

Este Sr. Bernardo Lourenço tem cousas de sua cachola que faz admirar. Porem vou-lhe officiar que o commandante deste navio não responde pelo que a rapazeada fizer, ao depois não ande as cabeçadas, de um lado para outro, a dizer que são os seus adversarios.

—Vem cá, biltrel!

—Mais respeito para com um *alferes* da guarda nacional.

—Para que vás a *cancellia* daquella casa seis e oito vezes ao dia?

—No Barbalho?

—Sim.

—E' para ver se colho um *figo* que está amadurecendo.

—E' por que o dono não tem um bom cachorro de fila para te por no encalce.

—Que se ha de fazer! A *figueira* da fructos tão saborosos!....

—Ah! birbante, nem por casares com a viuva deixas o violão e as modinhas!

—E' com isso que se alcança muita cousa.

—Até que um dia alcançarás uma boa sova.

—Sr. official, pague a rapariga.

Isto é feiol! A mulher vir atraz de Vm. a gritar que lhe dê seu dinheiro da Baixa dos Sapateiros até o becco das Moroas!

Veja quanta gente pelas janellas.

—Não lhe comprei nada.

—Mais o caso é que ella se julga authorizada a vir atraz do Sr. bradando que lhe pague.

—E' muito deponente para um official, e ao que parece, de serviço.

—Estou de ronda.

—Tanto melhor.

—Eu sou algum *pitú*, para pagar sem dever?

—E' impossivel; a mulher que reclama é por que tem direito. Pague e lembre-se que amanha é o 1.º de abril.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado do *Segura Parede*, que passe a examinar a loja numero cinco vezes cinco, á rua dos *Pés-de-cocos*, que, segando nos informam, é occupada por um *ilhote* que espanca cruelmente a infeliz esposa, levando a brutalidade e malvadeza ao ponto de conservar um cavallo ao pé da cama da desditosa, separada apenas por uma pequena parede.

O que espera-se de S. S., como pae de familia desvellado, e autoridade zelosa e diligente.

Como unica resposta a noticia inserta nos numeros 484 e 485 do *Alabama* de 25 de março, de referencia á proprietaria do engenho *Pantaleão*, publicamos o seguinte irrefragavel documento:

Illm. Sr. administrador do correio de Santo Amaro.—Rogo-lhe a fineza de responder-me ao pé desta si é verdade que um empregado do correio d'esta cidade, tendo levado por engano á proprietaria do engenho *Pantaleão* uma carta acompanhada de alguns objectos, a recebera a mesma Sra. e depois de

l-a não tratou de devolvê-la ou mandal-a entregar a pessoa á quem era dirigida, segundo refere o *Alabama* de 25 de março do corrente anno.

Permitta-mo pois fazer de sua resposta o uso que me convier no intuito de destruir a falsa asseveração da mesma folha em publicação a pedido.

Bahia 27 de março de 1869.

De V. S.

Patricio e criado venerador.

J. Pires F. Brandão.

Illm. Sr.—Em resposta á presente que acabo de receber, tenho a dizer-lhe que é de todo inexacto, e inteiramente destituído de qualquer fundamento, o que refere a publicação do *Alabama* de 25 do corrente, acerca da carta acompanhada de qualquer objecto que fosse por engano entregue á proprietaria do engenho Pantaleão, e por ella desencaminhada. A agencia do correio, a meu cargo, so tem carteiro para entregar cartas ás pessoas residentes n'esta cidade, e morando a Sca. no seu engenho distante da mesma cidade, é claro que lá não iria empregado algum do correio.

Pode V. S. fazer d'esta minha resposta o uso que lhe convier.

Sou de V. S.

Attento e criado.

Domingos Vieira da Silva.

Pede-se ao Sr. subdelegado do *Segura-Parade* que dê providencias que ponham um freio ao descommedimento do gallego José que ha pouco comprou a venda do *Zephirino*, dofronte do trapiche *Mão-de-corvo* e não continue esse destemido *unhas de gavião* a comprar assucar e algodão roubados a toda a hora do dia e da noite, com o descaro próprio de um larapio acostumado a empalmar o alheio.

—O Sr. Dr. J. P. F. B., com a resposta de uma carta, que elle dirigiu ao administrador do correio da cidade de Santo Amaro, prova que a proprietaria do engenho Pantaleão não recebeu a carta que d'aqui fora dirigida a uma senhora, na mencionada cidade, segundo uma publicação que sahio no *Alabama* de 25 de março.

—Mas o carteiro foi em casa da senhora, á quem era a carta dirigida, e disse que a tinha levado á proprietaria do engenho Pantaleão, logo a culpa vem d'elle. O que é certo é que a carta foi d'aqui remetida e não foi entregue.

—O administrador diz que a publicação

do *Alabama* é fora de fundamento, porque o engenho fica distante da cidade e não se manda entregar cartas senão d'aquellas pessoas conhecidas e ali residentes.

—Ora... *pulgas!*

O que não é fora de fundamento é que não ha boa administração no correio de Santo Amaro, e por isso se estraviam as cartas, dando-se depois desculpas de longitude e outras frioleiras semelhantes.

O deleixo das administrações de certas repartições, é que dá logar á tudo isso.

—E depois é preciso que o Sr. administrador chame os carteiros, syndique do que levou a carta, a que se referia a publicação do *Alabama*, para então, com conhecimento de causa, responder á carta do Sr. Dr. J. P. Falcão Brandão.

Ninguém diz que a honrada proprietaria ficasse com a carta; mas o que é certo é que foi estraviada, fosse lá como fosse, e a prova está em não ter sido ella entregue á pessoa a quem era dirigida.

—De qualquer lado que tomem a cousa, prova o deleixo que ha no correio de Santo Amaro, na entrega das cartas.

—E ahi é que eu vou!

VARIÉDADES

LEITURA CURIOSA.

digas	sabes	diz	sabe	diz	convem
faças	podes	faz	póde	faz	deve
creias	ouves	cré	ouve	cré	quer
julgues	vês	julga	vê	julga	sabe
gastes	tens	gasta	tem	gasta	pode
não	tudo o que	porque o que	tudo o que	muitas vezes	o que não

ANNUNCOS

O senhor que mandou imprimir com extraordinaria pressa uns recibos, para a tinturaria da rua de Baixo e que entretanto ha mais de 15 dias e esqueceu-se de vir buscal-os, queira fazel-o que estão promptos.

PARA OS APAIXONADOS DO BIXO.

Vende-se um cavallo muito habilidoso: á tratar com o Izaak, marceneiro, ás Portas do Carmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 49.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

7 DE ABRIL DE 1869.

Ns. 489 e 490.

O ALABAMA.

6 DE ABRIL DE 1869.

Hontem pelas dez horas do dia effectuou-se o desembarque de S. Ex. o marechal visconde de Itaparica, o bravo soldado do Chaco, o intrepido legionario da guerra do Paraguay.

A recepção a bordo, o transporte por mar, o desembarque, a nova recepção na praça de Riachuello e no antigo palacete do consulado—foram d'estas scenas raras na historia de um povo, excepçoes na vida de um homem.

Si esse triumpho, si esse entusiastico acolhimento, não lhe sanam as feridas do corpo, compensam-lhe sem duvida os soffrimentos moraes, as fadigas do espirito, os momentos de duvida acerba, que por certo turbaram-lhe o espirito nos momentos do perigo.

Foi uma recepção pomposa: foram corôas por mão da innocencia, e saudações pela bocca inspirada dos bardos nacionaes.

D'ahi, depois de uma ligeira collação, S. Ex. foi transportado n'um carro, puxado pelo povo, pela rua Nova do Commercio e Ribeira, fez oração na Conceição da Praia, seguiu pela Preguiça, ladeira da Gamelleira, até á ladeira de S. Bento, residencia de sua familia.

Por todo esse longo transitto haviam bandeiras, arcos triumphaes, e innumerables gy-randolas que subiam aos ares, enquanto uma chuva de flores precipitava-se de todas as janellas.

Não podemos deixar de elogiar os nobres esforços da commissão, que encarregou-se tão nobremente do brilhantismo d'essa festa nacional—apontando entre outras cousas a lindeza e o gosto dos quatro arcos triumphaes armados na praça Riachuello, na entrada e no fim da rua Nova do Commercio e no termo da ladeira da Conceição, defronte do hotel Figueiredo.

Os vapores offerecidos pela mesma commissão para que o povo fosse á bordo do *Paraná* receber o illustre recém-chegado, dão mais uma prova da nobreza de sentimentos que a animavam. Sobreleva, entretanto, não dispensar de censura o empregado da Companhia Bahiana, que designou um desses vasos com o nome de *vapor dos moleques*... procedimento inqualificavel, lama que sahio da bocca de um grosseiro e ignorante, para salpicar-lhe o proprio rosto, e revellar-lhe a torpeza d'alma.

Moleques!... Pois são moleques os bahianos que correm pressurosos a victoriar o seu heroe, o desaffrontador do agravo nacional?

Peza-nos intercallar n'estas columnas, em occasião tão solemne estas phrases asperas—porem taes querem-nos, taes somos: a imprensa tem por missão premiar e castigar, e faz ambas essas cousas ao mesmo tempo.

Do noite continuaram as manifestações— a musica atroou os ares constantemente, os foguetes illuminavam o espaço, e a ladeira

de S. Bento esteve continuamente apinhada de povo.

Mario depois da derrota dos Cimbros, Pompeu depois da conclusão da guerra dos piratas, os heroes da Grecia antiga, os Milciades e os Themistocles, nenhum foi por certo mais nobre e entusiasticamente recebido pelos seus concidadãos.

Napoleão, fugitivo da ilha d'Elba, viu cahirem a seus pés as armas dos soldados do rei, seus antigos soldados, enviados para prendel-o ou matal-o...

Eram as homenagens de uma tropa de guerreiros que, admirando seu chefe, admiravam-se a si proprios.

Entretanto, hoje, é um povo em massa, e não o exercito, é uma provincia, e não um regimento, é uma capital, é uma população de duzentas mil almas que envolve o coração em louros e o atira aos pés do triumphador do Chaco!

Oh! Salve! salve general!...

O viajor que percorre o norte da Inglaterra, calcando aos pés, ou saltando por sobre as ruinas dessa immensa muralha construída pelos romanos contra as invasões dos terriveis Pictas lembra um nome—o do imperador Severo..

O antiquario curioso, que percorre esse montão de ruinas que se chama Asia menor, decifra n'uma pedra o nome de Palmyra, Babylonia, Ninive, cesses nomes lembrem-lhe: Zenobia, Semiramis, Nembrodi!

Os arredores de Vizeu fallam-nos de Viriato.

Assim um dia, quando as gerações futuras succederem ás gerações hodiernas, como as gerações hodiernas succederam ás gerações passadas—o viajor, que visitar aquelles pantanos, hoje retintos por nosso sangue; e então convertidos em cidades populosas, em centros activos da civilisação—como o peregrino que estaca ante o cabeço de São João para pronunciar um nome—Waterloo.... Napoleão!—o viajor que visitar esses logares, ha de tambem parar ante o gigantesco de uma obra, e ha de rememorar um nome—Argollo!

Resta-nos agora tamsomente fazer votos pelo restabellecimento prompto e completo da saude do nosso heroe, do renovador de nossas antigas glorias militares.

Um ponto ha mais, que não devemos deixar escapar: quando S. Ex. desembarcou no caes da praça Riachuelo, quando o povo bahiano o viu carregado a braços, por não poder caminhar, uma d'essas lagrimas solemnes, um desacs prantos, que nunca secam, essa lagrima esere-

veu-lhe um nome n'alma, e esse nome nunca se apagará.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que ha seis dias, mais ou menos, o mestre pedreiro Valerio foi desapiadadamente espancado á cacete no corredor da Victoria, e acha-se em perigo.

Consta que um caixeiro de certa casa commercial estrangeira, vira o facto, mas nega-se a declarar quem são os authores.

Não é o primeiro caso que se dá recentemente por ali: ha quinze ou vinte dias, um homem que acompanhava uma senhora, foi aggreddido e sahiu com um profundo golpe em uma das mãos.

Estes e outros attentados contra a segurança individual, clamam por um correctivo contra seus authores, que sem duvida não passarão de alguns apreciadores de *Bass*.

—Capitão, na noite passada andava a tomar fresco pelo becco dos Terceiros Franciscanos e sorprehendi uma conversa.

—A respeito?

—Eram duas visinhas que tagarelavam.

Dizia uma:

Morreu o Fr. Santa Rosa e deixou livres os seus escravos—Francisca, Bonifacia, Roque, Bemvinda e Luzia.

—E' caso novo; os filhos da ordem Seraphica professam pobreza.

—Isso é o menos; já houve quem deixasse propriedade.

Escute o resto.

Os escravos ficaram em companhia de uma devota que *lavava os cordões* do frade; na quinta feira, porem, não sei que azeites teve a *convertida* que fez das cartas de liberdade dos pretinhos uma coivara.

—E agora?

—Quem sabe? Não pode haver uma carambola, um dividendo e aquelles pobrezitos voltarem ao jugo da escravidão?

—Ao menos, o inculcado senhor ha de provar o dominio.

E de mais, quem dá ouvidos a contos de mulheres fallastronas, alta noite?

—Capitão, V. Ex. entretem relações com o juiz de orphãos?

—Nenhumas.

—E com o chefe de policia?

—Tambem não.

—Isto é que foi o diabol!

—Pretendia alguma cousa?

—Pouco.

—O que queria V.?

—Apenas pedir-lhes que lançassem os olhos para uma menina de 9 a 10 annos, cujos paes, por especulação, a mandam por toda esta cidade esmolar, á suppostos pretextos. Já a tenho encontrado até na Calçada.

Ora, nesta epocha, em que a perversidade lavra, é muito facil que qualquer malfazejo a illuda e venha a seduzil-a e perdê-la pelo cynismo e sordidez dos paes, que lançam mão de tão reprovado expediente para adquirir dinheiro.

—Talvez a necessidade os obrigue a isso.

—Não concordo; uma menina daquella idade não deve mais andar pedinchando; si os paes não podem mantel-a, seja recolhida a uma casa pia.

—Mas, ao cabo de tudo, V. não disse quem eram os paes e onde moram.

—Ao certo não lhe sei dizer; mas affianço-lhe que o logar certo de ser encontrada é na torre da Sé, e quem habita ahí pode muito bem dar informações.

—Ha de se averiguar isso.

—Uma gentileza do olho vivo.

—Apre!

—Um individuo, bem trajado, de cadeia e luneta, apresentou-se na loja do Sr. Villaça e pediu as amostras de chitas e cassas para levar á sua familia na rua de Baixo. O logista concedeu-lh'as, exigindo certa quantia como garantia.

O cavalheiro de industria nenhuma duvida fez e sem se perturbar, mettu a mão no bolso, e depois fez um gesto de surpresa, dizendo:

«Ai, que me esqueci a carteira!... é uma massada voltar.»

O logista, suppoz pelo traje, que o tratante fosse pessoa séria e confiou-lhe as amostras, sob condição de voltarem no mesmo dia.

—E voltaram?

—Voltariam!

Os retalhos acham-se hoje convertidos em duas famosas cobertas de certa meretriz, a quem o larapio presentou.

—Conhece-o?

—Não.

—E como soube disso?

—Porque vi nos cartões o nome do logista em casa da tal *filha da noite* e depois um amigo do mesmo a quem eu contei o caso confirmou-m'o.

—Arrel São capazes de roubar o sol antes de nascer!

—Estes soldados de policia só servem para fazer bravatas!

Deram no escravo de uma viuva visinha do Sr. major Marinho á cahir, e em cima levaram-no preso!

—E a pobre senhora a perder os dias de serviço de seu escravo.

—Si ao menos um motivo justificasse taes violencias! Mas não; os moleques dão pedradas, fazem o diabo e a policia sempre impassivel; um escravo á porta de seu senhor é espancado e preso!

—Muitas desgraças tem se dado este anno!

—E' verdade.

—Está que no sabbado enforcou-se o preto Fortunato, escravo da padaria Amorim. Depois de concluir a pezada do pão, de cujo serviço era encarregado, sabiu para o quintal e laçou-se com uma corda de piassava a um araçazeiro.

—Artes do capeta.

—Esse preto, dizem, andava banzativo, depois que o *capitão da junta*, especie de monte de socorro que ha entre os africanos, retirou-se para a Costa levando os capitães dos mais que estavam em seu poder.

—Por isto este seu creado é de opinião que ninguem guarda melhor o que é seu, do que elle proprio.

—O homem que cahiu domingo á noite, defronte do becco de Maria Pires está melhor?

—Creio que sim.

—Dizem que foi um ataque de apoplexia.

—Dizem. Depois que chegou no hospital, com algumas fricções fallou e declarou chamar-se João da Silveira.

—Aprecie isto que é bom.

—Vamos o ouvir.

—O correspondente conservador da Bahia para o *Jornal do Commercio*, depois de accusar o governo passado pelo desfalque do correio e pelas omissões e manqueiras que, diz elle, existem em outras repartições, accrescenta:

«No arsenal de guerra tambem anda o director fazendo exames e verificações, que me constam vão corroborando as suspeitas que elle tinha.

«Por acto de 19 foi suspenso o escripturario do arsenal de guerra Antonio Joaquim Porphirio Viana, das respectivas funcões até se conhecer o resultado do exame a que se está procedendo naquella repartição. *Ha alli o mesmo que se descobriu no correio*, com a differença que no arsenal, o tenente coronel Paranhos, director, é que tem procurado sondar todas as chagas para extirpar o mal pela raiz.»

—Felizmente os empregados com quem anda ás voltas o Sr. Paranhos, são todos

conservadores decididos e como taes conhecidos, a questão entre elles é pessoal.

—K' bom que o correspondente conservador seja o proprio a fazer de seus correligionarios tão temerario e desabonador juizo, em homenagem somente ao Sr. Paranhos,

—Arrei! Que gente esfomeada!

—Em toda função ha de sempre haver quem desmanche prazer.

—Aquelles officiaes da guarda nacional que acompanharam o general Argollo até sua morada, entraram para o interior e devoraram as mezas de fructas!

—Com excepção.

—Que duvida.

—Houve um, que até partiu maracujá com os dentes.

—E aquelles dous, cujos nomes omittimos com vergonha, *assulinharam* n'um abrir e fechar d'olhos um grande prato de saputís.

—Outros não só comiam como enchiam os bolsos.

—Que gana!

—E deram cabo das fructas, que talvez eram reservadas ao illustre general pelo seu estado doentio.

—O Sr. Balduino dos Santos Oliveira publicou uma walsa, sob o titulo—Homenagem—e offereceu-a ao visconde de Itaparica.

—Como agora tudo está em moda á Argollo, camisas, chitas, botões, etc., é de suppor que a—Homenagem—dedicada ao heroe do Chaco tenha grande sahida.

—Cá por nossa parte agradecemos a lembrança do author em obsequiar-nos com um exemplar.

—O *Paraná*, entrado da côrte na segunda-feira de manhã, foi portador de noticias da quella procedencia.

—Va desembuchando.

—A 30 do passado, embarcou o Sr. conde d'Eu com destino ao Paraguay.

A respeito diz o *Diario Fluminense*:

«Embarcou hontem no arseual de marinha, estando presente S. M. o imperador, S. A. o Sr. conde d'Eu, com destino ao Paraguay.

Muito povo assistiu ao acto; mas não ha exemplo de uma tão significativa frieza popular.

Entretanto todas as classes da sociedade estavam largamente representadas!

Nenhuma manifestação, absolutamente nenhuma, de entusiasmo ou satisfação, ainda mesmo—official—houve coragem de fazer-se!

Sentimos profundamente que o illustre e joven conde, digno de melhor sorte, fosse constrangido a uma partida, tão altamente impolitica agora, para o Paraguay.

Quaes os corolarios de semelhante facto?

O tempo ha de produzi-los.

—O que ha da guerra?

—Ouça o *Jornal do Commercio*:

As noticias do Assumpção são de 15. Segundo ellas os paraguayos, vendo que ninguem os buscava, vieram elles mesmos buscar os alliados e dar signaes de vida. Umás duas legoas além de Luque, havia sobre o arroio Yuguery uma ponte sobre a qual passava a estrada de ferro, mas que havia sido destruida pelas tropas de Lopez na sua retirada.

Trabalhava-se na reconstrucção desta ponte quando na outra margem appareceu uma locomotiva puxando alguns wagons, e sobre este uma força paraguaya com duas peças de campanha que principiaram a metralhar os trabalhadores. Apenas se conseguiu passar alguma cavallaria para o outro lado do arroio, silvou a locomotiva e desapareceu com os paraguayos.

—E Lopez está anniquillado!

—Este episodio é contado pelo correspondente da *Nação Argentina*, mais ou menos assim:

«No dia 10 marchara de Luque para Yuguery uma força de cavallaria e infantaria, a fim de poder reparar-se alli a ponte queimada ha tempos pelos paraguayos.

Exactamente no momento em que a tropa distrahi-da recebia viveres de um dos fornecedores, avistou-se uma locomotiva paraguaya que com quatro wagons cheios de paraguayos se aproximava á toda a força do vapor.

Os piquetes avançados estenderam-se immediatamente em linha de atiradores e outro tanto fizeram os paraguayos que desceram dos wagons com uma peça de campanha. Principiou o tiroteio, sendo os piquetes brasileiros reforçados pelo resto do batalhão 25.

O 13 de cavallaria brasileira, que acadiu em protecção, vendo a possibilidade de vadear o riacho e flanquear o inimigo, assim o fez, mas tendo-se os paraguayos apercebido do movimento, tornaram a subir aos seus wagons e desapareceram com a mesma rapidez com que tinham vindo.

Neste combate de nova especie tiveram os brasileiros dous feridos graves, um leve e um contuzo, perdendo tambem quatro cavallos com um tiro de metralha. Os paraguayos deixaram um morto, e levaram consigo os feridos, cujo numero se ignora.

Veio este incidente apressar as operações projectadas, e uma força de 10,500 homens das tres armas, ás ordens do general João Manuel de Menna Barretto, poz-se em marcha para Luque.

—Este Lopez tem parte com o diabol! Fugiu á unhas de cavallo com 200 homens. Estes foram sufficientes para conduzirém ás costas 5000 feridos, artilharia, trem, munições etc., e agora—cançado de esperar-nos—vem á nossa procural

—Si isto não fosse dito pela bocca authorisada do *Jornal do Commercio*, eu poria minhas duvidas.

—Que mais ha?

—Grande falta de cavallada no exercito. Le se remediar mandando vir de Buenos-Ayres.

—E' mais uma comidilha para cevar a *desinteressada* cordaledade de nossos visinhos.

O *Angl Brasilan Times* faz as seguintes apreciações sobre a situação da guerra, Referindo-se a precipitada declaração de

terminada a guerra, pelo Sr. Caxias, diz: «Lopez teve tempo de respirar e de recobrar coragem, depois dos desastres que soffrera em dezembro. E' um acto indubitavel hoje e authenticado officialmente.

«Algumas centenas de cavalleiros poderiam ter feito então, o que hoje exige milhares de homens e muitos mezes.

«Porque motivo o commandante em chefe não despachou logo, sem um momento de demora, alguns regimentos dessa cavallaria rio-grandense que Garibaldi declarava ser a primeira ds mundo?

«Talvez porque Herval estava ferido e não podia leval-os á victoria. teve Lopez tempo para recuperar forças e preparar-se para sustentar uma interminavel campanha de guerrilhas, porquanto, não obstante todas as suas perdas de terreno, homens, materiaes de guerra, ainda tem elle consigo o povo paraguayo, ainda tem Caballero, um dos seus melhores generaes, Nesbitt e outros engenheiros inglezes para dirigirem e organisarem a resistencia armada; por outro lado os seus arsenaes em Villa Rica e as suas fundições ainda não foram até hoje destruidas, e mas nem sequer reconhecidas por um se soldado aliado.»

A PALAVRA DE HONRA.

Foi com este termo que em outros tempos se fizeram grandes tractos, se desempenharam importantes empresas. E então a palavra de honra era tirada do coração, e pronunciada com a sinceridade d'alma, o homem que chegava a dar palavra de honra publica ou particularmente, fazia todo esforço para cumpri-la, mesmo a custa de toda sua fortuna, e até da propria existencia.

A palavra de honra era a sentinella da verdade, era o sello da exactidão, e desempenho dos deveres nos actos da vida. Hoje porem que este termo tem se redicularisado, apenas serve de capa de vellicarias, e é applicado tão somente para entreter credores, e para illudir promessas, e por isso todos os dias estamos vendo deputados quando pedem votos, darem palavra de honra de se encarregarem de negocios na corte, o depois de se apanharem servidos pelos eleitores, esquecem-se da honra, e dão palavras de moleques.

Vemos ministros que chupam dinheiro e bellos presentes para darem sentença a favor, mas depois de lamberem a isoa, pregam codillo no despacho.

Vemos senhores de engenho darem palavra de honra de mandarem caixas de assucar para pagamentos de seus correspondentes, porem mudando de trapixe e os lettreiros das caixas pregam petas sempre maxas.

Vemos paes de familia darem palavra de honra de casarem filhas com homens que primeiro as pediram porem achando depois maior interesse em outros, casam as meninas a moda de leilão, ficando dono quem dá mais um tostão, redusindo por esta forma as filhas a fazendas de mercado.

Vemos amigos parollas, e impostores lisongeiros darem palavra de honra aos parentes e aos que se julgam seus amigos em como estão promptos e certos para servirem, nas precisões, ou faltas repentinas; e o que succede quando se lhes occupa, uus se escondem, outros fingem que tiveram prejuizos, e outros finalmente inventão agravos, e motivos de zanga para não servirem.

Donde se pode calcular o extraordinario progresso que tem feito o egoismo n'este seculo de papel falso, a amisade é uma peta de entreter as companhias, as cortesias, e a civilidade não são mais do que uma vista de theatro para illudir os olhos dos spectadores.

A generosidade, essa está quasi expirando no leito da miseria, apenas de vez em quando vomita pedaços de bazofia, quando se revolta o estomago da soberba.

A caridade, dessa nem mais semente se acha, os ultimos pés que haviam as formigas da ambição deram cabo d'elles na horta da perversidade.

Boa fé isso foi um navio que, ha mais de cincoenta annos, deu a costa na Praia dos Peraltas, e os marinheiros dessa embarcação fingiram-se quebrados das verilhas para andarem tirando esmollas, e não darem conta do carregamento.

Em summa, a vista do estado decadente e podre da moral do seculo, quem quizer se julgar seguro deve apenas contar por amigo o dinheiro da algibeira (se esta não estiver furada) deve considerar protectores as pernas e os braços, e ter por infallivel a protecção de Deus, porque a palavra de honra dos homens vale menos que um espirro do diabo.

LA VAE VERSO O QUE MUITO CUSTA.

Soneto.

Muito custa soffrer um prejuizo,
Muito custa a aturar uma doença,
Muito custa a cumprir fatal sentença,
Muito custa acertar sem ter juizo.

Muito custa trazer o bolso lizo,
Muito custa fugir a malquerença,
Muito custa servir a quem mal pensa
Muito custa chorar, e ver um riso.

Muito custa não ter-se o que deseja,
Muito custa de amor a tentação.

Muito custa escutar a quem pragueja.
 Muito custa calar uma paixão,
 Muito custa..... Sabeis o que mais seja?
 Muito custa, o peor é a ingratição.
Silva Azevedo.

Á PEDIDO

Prevenimos a um individuo que costuma estar encostado em um portão a espera de certa deidade cor de ebano, o favor de não continuar, porque na vizinhança tem famílias e não são obrigadas a soffrerem suspeitas contra suas reputações por seu respeito, visto que quem presenciar pode fazer juizo muito differente do fim que leva S. m. a noite a semelhante logar. Esta observação é muito melhor do que vir a acontecer que S. m. leve alguma *petelecada* sem saber de onde lhe vem.
O velho de Cós.

CONVERSA DO MEIRINHO E O SOLDADO.

M.—Então camarada como tem passado?
 S.—Muito mal.
 M.—O q. e tem tido?
 S.—E' que o velho me tem posto doente com as suas asneiras de doudo que é.
 M.—Porem elle ainda continua a ir á venda?
 S.—Quando elle deixará; só depois de morto, e sempre fallando da apaixonada, de tal sorte que tem ficado magro como um bacalhau.
 M.—Si elle continuar assim, bebendo, fallando e fumando, muito breve Satanaz tem mais este no rol dos malvados.
 S.—E cada vez fica mais sêco, principalmente, agora que os trastes foram para o forum.
 M.—Coitado do nosso velhaça, ficou sem trastes na sala!
 S.—E outra cousa mais que o? Joaquim que morava com elle, mudou-se e carregou tambem os seus trastes.
 M.—Estou vendo que o tal velho tambem ficou de pote e esteira.
 S.—V. não sabe do ditado que diz quem com ferro lere, com o mesmo ferro será ferido, e mesmo elle estima estar de pote e esteira, porque deve muito, e teme-se que os officiaes tambem não lhe vão em casa.
 M.—Pois haverá quem lhe empreste dinheiro?
 S.—De certo que eu não lhe empresto nem um vintem, pois elle tem tantas dividas. Ultimamente foi fiador de umas mulheres em S. Miguel, propriedade do Sr. Galdino, nem elle e nem ellas, por tanto o dono — bibau.

M.—Penhora com o velho.
 S.—Muito bem gostei de sua opinião.
 M.—Si for assim como V. me diz que elle deve muito até os 65\$ reis da viuva do Mello que é a tal divida da apaixonada que elle ainda não pagou, não chega um pedacinho a cada um.

S.—Tudo isto acabaria si o Exm. Sr. presidente o mandasse chamar e o reprehendes-se rigorosamente para que este velho sem peijo andasse fazendo estas cousas envergonhando a classe dos empregados publicos.

SONETO

NECROLOGICO AO CAVALLO DO MARQUEZ DE CAXIAS,
 FALLECIDO COM CHEIRO DE HEROISMO NA
 GLORIOSA VILLETA.

Heroico marechal dos Rossinantes,
 Bucephalo do Alexandre brasileiro,
 Dos cavalgados fostes o primeiro,
 E o segundo talvez dos cavalgados.

Em borbotões de sangue gotejantes,
 De vosso equinio peito de guerreiro,
 Morrendo, ainda foste cavalleiro,
 Livraudo o cavalleiro ás balas antes.

Ah! cavallo! si a tão heroico feito
 Sobreviveis, em vez de infame albarda,
 Caligula vos collocara ao nobre peito,
 Algum *proconsulado* e cruz na farda....
 Comvosco ao Helicon fui tão direito,
 Q' inssiraste de um coice esta...bernarda.
 (*Mercantil de Santa Catarina.*)

—Ah, Sr. Zé, então que diabo foi lá isso? Amassaram-lhe a choçoladeira! E onde estava o *Zepherino* que o não valeu?

—Deixe-me; não me venha encasfifar.

—Ora está o que acontece a quem é amigo do alheio! V. negou que não tinha agazalhado a bengalla, e apresenta-se depois com ella. O rapaz apesar de ser *benigno* de genio, não lhe soffreu a paciencia, esmurrou-lhe a cara.

—O diabo foi ser em rua tão publica.

—A das Princezas, não?

—E' verdade.

—Não faz mal; quem não tem vergonha todo mundo é seu.

CREDO DA ESCOLA DE 1823.

Amo ao meu paiz, mais do que a outro qualquer.

Desejo a sua prosperidade, paz e liberdade.

Amo aos meus patricios, mais que ao estrangeiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50.

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

10 DE ABRIL DE 1869.

N. 491.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
9 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.^o districto policial, levando ao seu conhecimento o inqualificavel procedimento do creoulo Gustavo, trabalhador em uma obra ao Campo da Polvora, o qual, no dia 4 do corrente, castigou deshumanamente o menor Julio, filho da creoula Rufina, moradora na rua do Carro. O barbaro mestre, depois de arrebentar as mãos de sua victima com uma grossa taboa, a que chamam *desempeno*, seviciou-lhe brutalmente o corpo com duras e lacerantes cordas. Semelhante genero de castigo, reprovado pela humanidade, é severamente punido pelas leis civis, e nesta intenção recorre-se a S. S. para que se digne fazer justiça.

—Ao Illm. Sr. provedor da santa casa, pedindo-lhe que dê suas ordens, pois que so assim se conseguirá, para que seja retirado um montão de cisco, calça, caixões velhos etc., depositados pelas irmans de charidade defronte do amphiteatro anatomico da schola de medicina.

- Capitão, attenda-me.
- Já vem com suas maçadas?
- Si não está disposto, retire-me.

—Para alguma frioleira procure quem lhe assista.

—E' uma pergunta simples.

—Sobre o que?

—Será permittido a um morador da Boa Vista arrombar o encanamento da Fonte Nova e desviar, por meio de uma penaa, agua para um seu banheiro, prejudicando ao publico?

—Desta não sabia eu.

—E' cousa tão charral

—E a camara já tem conhecimento?

—Creio que até já foi lá.

—E o que fez?

—Nada.

—Então o que tem V. com isso, quando quem tem obrigação de zelar os interesses municipaes e de velar pela commodidade publica faz se esquerdo?

—Mas eu fallo a favor do paciente povo que soffre.

—Qual povo, qual nada! Suma-se.

—Capitão, mais uma.

—Uma o que, rapaz?

—Uma reforma das irmans de charidade no hospital.

—Si é algum melhoramento, vale a pena.

—Arrenego!

—Pois olhe, ha muito quem diga que, depois que ellas estabeleceram ali seu dominio, aquillo vae n'um mar de rosas.

—Creio piamente; para ellas, estou certo, nunca andou melhor.

—Mas trate de aviar-se, qual é então a reforma?

—V. Ex. não ignora que ha no hospital uma capellinha dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

—Justamente; ondê se depositam os cadaveres.

—Ja se acabou isso.

—Está o que é novo para mim.

—Vamos adiante.

Sabe tambem que a dita capellinha estava vindo abaixo.

—Sim, Sr.; estou ao facto.

—Que, depois de muita hesitação, mandaram reparal-a.

—Ouvi dizer tambem; e até que ficou muito bonita.

—Pois sabe o que fizeram as irmans de charidade?

—Agora, quando V. disser.

—Logo que a egrejinha ficou prompta, encheu-lhes os olhos e ellas appossaram-se das chaves e trancaram-na.

—E os cadavares?

—São impiamente atirados ao chão na sala das autopsias da eschola de medicina.

—E' uma falta de charidade e de religião para com os restos de nossos semelhantes.

—Praticado por mulheres que se apregoam altamente religiosas e charidosas por excellencia!

—O capellão da casa, em sua missão sagrada, era obrigado a ir ali prestar os ultimos sufragios que a igreja dispensa a seus filhos, mas as beatissimas senhoras, em seu fervor religioso, acabaram com tão sagrada cerimonia, que, no entender dellas, é uma bugiaria.

—Que mulheres! E andam aqui os seus apologistas a atordoar os ouvidos da gente com a dose de santidade de que ellas são possuidoras!

—E assim vão essas estrangeiras usurpando tudo e transformando os habitos de piedade e devoção desta terra com a sua mal-entendida charidade!

Até a nova urna que se fez para se collocar os caixões foi monopolisarada!

—Refnadas hypocritas que são! Palmo a palmo vão se assenhoreando de tudo!

—Este acto inqualificavel, além de ser uma falta de charidade, uma profanação para com os mortos, é um prejuizo para os vivos.

—Concordo; a agglomeração de cadaveres fechados em uma sala estreita, como é á das dissecações, onde não respira-se ar, ha de por força, no dia immediato, exhalar um hão pestifero.

—E os pobros serventes, quando vão abril-a, sahem tontos.

—Mas lá está a illustrada faculdade; o digno inspector de saude faz parte della; o que fazem?

—Eu sei!

—O vapor de Santo Amaro sahe sem esperar pelos passageiros, e no emtanto que ás vezes levanta o ferro uma hora depois da marcada para a sahida?

—Mas isso é que nos dias, em que o filho do barão de S. Lourenço demora-se, elle espera para trazel-o, porque o filho do barão vive para lá e para cá, recebe as ordens do pae e va exaoutal-as.

—Ante-hontem, ás 7 horas da noite, o Sr. Rangel, penetrou na casa da creoula Candida, moradbra em S. Miguel, com o fim de deflorar uma filha desta, menor de 17 annos, de nome Ricarda; mas não chegou a conseguir o seu intento, segundo declarou a mãe da referida menor, por presentir que ella vinha entrando, e então teve de pulár pela janella no meio da rua; facto esse que foi presenciado por diversas pessoas, e do qual ja tem a authoridade conhecimento.

—O Sr. Rangel foi ha pouco eleitor pelo partido conservador.

—Vergonha das vergonhas! Um eleitor conservador pulando janellas para seduzir moças!....

—Sabbado, o vapor *S. Francisco* que foi d'aqui para Santo Amaro, ao entrar no rio Sergimirim, passou sobre uma pedra que produziu um choque terrivel nos passageiros.

—Sempre ha desses descuidos nos vapores ao entrar n'aquelle estreito rio! Ora é a proa do vapor que vae sobre os mangues; ora é o vapor que deixam passar sobre as pedras que ha na embocadura do rio.

—E' preciso cuidado... muito cuidado!...

—Registre mais esta gentileza do olho vivo.

—Exponha.

—O Dr. Antonio Ribeiro de Lima, ouvia missa, quarta feira, na igreja dos terceiros franciscanos; um individuo ajoelhou-se junto a elle; quando a missa terminou, o sujeito tinha desaparecido e com elle o chapéu do Dr.!

—Provavelmente foi uma troca luerativa que o magano fez: levou um novo e deixou o velho.

—Enganou-se: nem velho, nem novo, me

charo. O Dr., si não quiz ir com a cabeça ao vento, mandou em casa buscar outro chapou.

—Isso é um desaforo!

Pois como é que aqui dentro do vapor *Santo Antonio*, havendo um logar determinado para as senhoras, afin de que ellas estejam mais a vontade, aquelle passageiro vae espial-as!

—Oh!... Que insolencial!

—Quem foi este engraçado?

—E' aquelle *grauçá* que ali está de barbas ruivas.

—Ah! Aquelle sujeito é musico de *Santo Amaro*, vao para a cidade

Aquillo é um cynico muito grande!

LA VAE VERSO

VERDADES PURAS..

Que solte um grande gemido
Pela morte do marido
A viuva com prudencia,
E' decencia.

Mas que ella não se ria,
Si lh'apparece outro no dia
Em que o coveiro lh'o tira,
E' mentira.

Que algum marido zeloso
Seja guarda, não esposo,
De sua chara metade
E' verdade;

Mas que eu creia, que a malvada,
Esteja mais bem guardada
Por semelhante prisão,
Isso não.

Que no dia do noivado;
O rosto abaixe corado
A donzella, ardendo em fogo,
E' jogo;

Mas que, no mesmo momento,
Ella eleva o pensamento
Pra o namorado esquecido,
E' sabido.

Que a filha accete o marido
Por sua mãe escolhido,
Sem dellé o retrato ver,
Pode ser;

Porem que, no mesmo instante,
Não prometta ao terno amante
Um logar dentro do seio,
Não o creio.

Que ao marido da maman
O filho chame papae

Por costume e por dever,
Pode ser;

Mas que o papae sempre possa,
Linda que seja da roça,
Chamal-o filho tambem,
Diga alguem.

Que o bom marido á mulher
Permitta todo prazer;
Sendo assim do grande tom,
E' muito bom;

Mas que elle tão cego seja
Que não sinta, que não veja,
Que elle joga e perde o bollo,
So si é tollo.

Que uma donzella guardada
Viva do mundo apartada,
So pondo os olhos em *Christo*,
Temos visto;

Mas que não deseje ella
Acabar de ser donzella;
Quem come tal petarola
Varia da bolla.

Que uma menina bonita
Um velho por marido admitta,
Affagando-o com ternura,
E' impostura.

Si do velho os camelosos
Olhos ella lava co'os mimosos
Dedos, põe toda esperanza
Na herança.

O patrão, que todô inteiro
Ao taful do seu caixeiro
O seu cofre abandonou,
Ja quebrou.

O mercador que folhea
O livro ao jantar, na cêa,
Escrevendo rões sem conto,
Faz ponto.

O, que a loja abandonando,
Na politica s'entranhando,
Vive em eleições mettido,
Stá fallido.

O empregado que diz
—Sou senhor do meu nariz;
Sem partido e independente—
Mente.

Escrivão que compra quinta,
Sem *torcer* a penna, a tinta,
A favor de quem mais dá,
Não ha.

Que não tenha um boticario
Certas drogas no armario
Da sua linda botica,
Se explica.

Mas que não avie ao povo
A receita, é caso novo,
Que até agora ninguém leu
E nem eu.

À PEDIDO

—Capitão, bem se diz que pobre só é que rouba; ladroeira de rico é chalaça.

—No pensar dos corruptos; desses ricos de dinheiro, porém pobres de probidade, que, embora regorgitem de cabedaes, com as burras atopetadas de ouro, nunca poderão alçar a cabeça diante da opinião e apontar a origem da inopinada opulencia.

—Veja si fosse um pobre que praticasse isso, que nome tinha.

Um sujeito, cuja ambição desmarcada deu para tornal-o senhor absoluto de todo um terreno *saudavel*, comprou terras visinhas das de uma casa ou *santa* instituição, e, tendo de mural-as, usurpou grande parte da que não era sua, prejudicando a particulares a quem destruiu bemfeitorias, e alargou o dominio á custa da tal instituição, cuja *misericordia* e piedade não chegam ao grau de perdoar aos que a defraudam.

—Mas deve haver quem zele e *procure* seus interesses, para se oppôr a tão clandestina extorsão.

—Como! si esse é o proprio que concorda, dizendo que o homem tem dado grandes esmolas para a instituição e é seu decidido bemfeitor?

—Pretexto frivolo, patrocínio escandaloso.

—E' assim que se augmenta repentinamente; tirando deste e d'aquelle.

—Homens miseraveis! Não sei porque não trazem a riqueza ás *costas*; por mais que tenham, enche-lhe os olhos uma ninharia que não vale um *pinto*!

AOS EXMS. SRS. COMMANDANTES DAS ARMAS E SUPERIOR DA GUARDA NACIONAL.

No domingo, 4 do corrente, no quartel da Palma, deu-se um facto que depõe muito contra a pessoa que o praticou, e foi o seguinte:

O tenente Calazans, bem conhecido, por seu bom procedimento, vindo uma mulher, de nome Theodora, que vive de lavar e engomar, pedir-lhe o pagamento de uma roupa que apromptara para o mesmo, em vez de dar-lhe o dinheiro, fechou-a n'um dos quartos do quartel, e maltratou-a com um chicote.

Este facto, de que teve sciencia o subdele-

gado de Santa Anna, foi presenciado por officiaes do corpo!

Que tal! em que terra vivemos?

E' necessario, pois, que Ss. Exs. e mais authoridades competentes mandem syndicar do facto, afim de que seja punido o dito Sr. Calazans, e não continue a fazer, como sempre, suas bravatas, e, o que é mais, seus crimes!

O soldado é para garantir a propriedade e fazer observar a lei, e não para, como o Sr. Calazans, no proprio aquartellamento, alem de não querer pagar o que deve, offender com instrumento aviltante uma pobre mulher, que vive de seu trabalho.

Até outra occasião.

O sentinella do portão.

—Pode me dizer uma cousa?

—Si souber.

—Esta publicação do *Jornal da Bahia* é annuncio, correspondencia, ou que diabo é?

—Qual dellas?

—Esta do arsenal de guerra.

—O titulo está indicando—é um edital, isto é, uma peça official.

—Safal um catalogo de recriminações, uma descompostura solemne, apadrinhada com o nome de edital!

—Tanto é que é pago pelas despezas miudas do arsenal, dizem.

—Duvido!

—Porque duvida?

—Porque o Sr. Paranhos, que geralmente passa por honrado, não quererá abalar o seu credito, dizendo-se que elle se desabafa na imprensa com o dinheiro da provincia.

—Ora, estou a lhe dizer que o papel é um documento official!

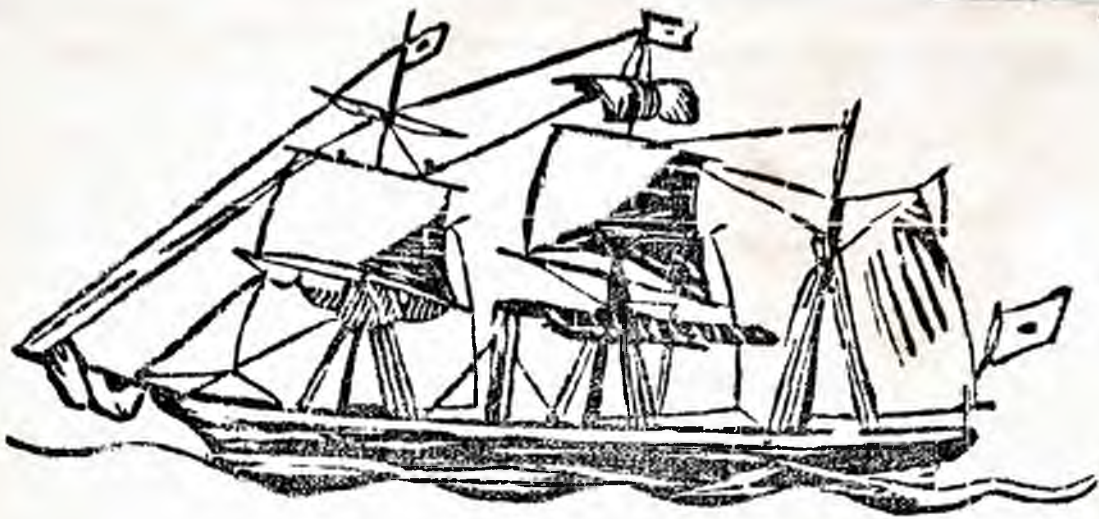
—Homem, vá dormir; eu o que nunca vi foi tanta asneira reunida a um tempo. Não sei como o Paranhos, homem *instruido* e de *intelligencia* rarissima, deixa sahir de sua repartição tamanha *mexidella*.

—Eu ali só admiro como o tal Sr. Caldas interpreta e se identifica com o pensamento do director, a ponto de asseverar que elle só quer fazer justiça a seus subordinados.

—E eu só desejo que o Paranhos explique si a tal publicação é paga de seu bolso, ou com os cobres da provincia.

ANNUNCOS

João Avelino de Souza Peira, para evitar interpretações mal-entendidas, declara que não se entende com elle uma publicação do *Alabama* ns. 489 e 490, relativa a um *Pedra Marmore* e sim com um individuo conhecido por este appellido.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

14 DE ABRIL DE 1869.

N. 492.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia,
levando ao seu conhecimento o seguinte:

Ha no Engenho Velho, entre outros, um
terreiro de candomblé, conhecido pelo nome
de *Bogum*, cujo chefe é *José Barbeiro*, com ten-
da uo Cabeça.

No mencionado terreiro, falleceu; ha pouco,
uma mulher de cor preta, cuja morte, pelo
que se diz, reclama da policia a mais severa
e perspicaz syndicancia.

Este facto, que anda envolvido em insonda-
vel mysterio, recusando-se aquelles que delle
tem conhecimento a darem a menor explica-
ção, por serem todos proselytos da seita, é,
mais ou menos, commentado pela voz publi-
ca assim:

Uma dessas infelizes, a quem a ignorancia
e fanatismo levaram a crer em taes bruxarias,
tinha cahido no *santo* e achava-se na *casinha*
do *noviciado*, em companhia de outras. No acto
de fazer o *sapocan*, cerimonia que consiste em
cortar os cabellos e poder transpor o limiar
da tal casinha, depois de seis mezes, a neo-
phyta não se ageitava a certas danças que são
de uso, e para ensinal-a era castigada quoti-
dianamente pela *donunce*, especie de gran-
mestra da ordem.

Do género desses castigos, que consistiam

em arrochos sobre os braços e enormes pe-
dras nas cadeiras resultou que ella viesse a
morrer e fosse precipitadamente enterrada,
sendo immediatamente retiradas todas as
outras neophytas para uma casa em S. Mi-
guel, onde se acham, precaução esta tomada
com receio de que, si a policia tivesse conhe-
cimento, la fosse e as encontrasse.

Com quanto nos conste que S. S. se queixe
de que mais de uma vez tem encontrado in-
exactidão nas communicações do *Alabama*, é
isso desculpavel, por que ninguem é infallivel,
e uma outra vez pode-se ser mal informado.

Assevera-se porem que o caso presente é real;
a morte da mulher deu-se na alludida ca-
sinha; o que cumpre ventilar é, si foi reves-
tida das horriveis cores com que a pintam, o
que espera-se de S. S.

—A companhia do Gaz.....

—E' tempo perdido fallar.

—Desta sorte pode ella fazer o que quizer.

—Inda quer mais?

Cassua redondamente e não ha quem lhe
vá as mãos.

Um dia destes, eram sete e meia da noite, e
a Baixa dos Sapateiros estava toda ás es-
curas.

—O mesmo me aconteceu indo a Santo
Antonio.

—A vista do que é melhor calar-se; o que
não tem remedio, remediado está.

—Reappareceu a maldita caçada da guarda nacionall

No domingo, no largo Dous do Julho, esteve uma escolta do batalhão de S. Pedro a pegar a torto e direito! Em minha presença pegaram um menino de 10 á 12 annos de idade, si tanto tinha, e por causa d'elle se ia originando um grande barulho, porque appareceu o padrinho do menino reclamando seu afilhado, e quasi que havia *sarceiro*, si um dos guardas não toma a deliberação de aconselhar os outros que o entregasse ao padrinho, que o reclamava.

—Na segunda-feira, na rua de Baixo, só se viam carreiras dos guardas nacionaes atraz dos rapazes que passavam do seu trabalho!

—Eu vi um que corria como um damnado, para se livrar do guarda que o perseguia, e atraz corria o sargento gritando:—*pega Agostinho, não deixa este diabo fugir!*

—E os conservadores que vinham acabar com a guerra, com o recrutamento e salvar o paiz da crise em que estava e está, o que dizem agora a isso?

—Ora, n'uma terra que se diz com foros de civilisada, um quadro destes, é altamente deponente.

—Não lhe pareça.

—N'uma praça, como esta da Piedade, n'um dia util, reunida uma immensidade de gente, a deitar gallos a briga!

—E' constantemente assim.

Dizem que hoje é um meio de vida para muita gente.

—Ao menos parece.

Apostam-se ali sommas avultadas. Houve quem casasse 50\$ rs.

—Entretanto, a policia fecha os olhos a um espectáculo tão repugnante, quando, pelo menos, se viesse assitil-o, podia fazer alguma colheita para o Paraguay.

—Meu amigo, o que está soffrendo? Acho-o tão desfigurado!

—Deixe-me, ia levando a breca.

—Como?

—A imprevidencia, o descuido de um boticario.

—Me conte isso, homem.

—Em consequencia de um ligeiro incommodo, mandei buscar dous purgantes de ricino reduzido a pilulas; o Sr. boticario, não sei si por desmazello, ou por sordidez, arrumou-me com quatro pilulas de opio!

Duas só foram bastantes para por-me neste estado!

—Que tal! Como se sacrifica a vida de uma creatural!

—Depois é que me estiveram explicando que as taes pilulas não passam de uma verdadeira especulação de alguns boticarios, porque é inteiramente impossivel reduzir quatro onças de oleo de ricino a duas pilulas.

—Na verdade ha por ali sujeitos cuja consciencia é elastica; o que querem é vender.

O senhor, entrando na botica delles, não sahe sem remedio!

—Esta me escarmentou e eu, d'agora em diante, quando tiver precisão, só vou ao Baccellar, porque ja é conhecido.

—Fugiram seis presos do quartel da Palma.

—Quando?

—Esta noite.

—Era de esperar isso.

—Mas por que?

—Pelo que ouço dizer.

—De mal?

—Sim. Os capotes dizem que ali é casa de viva quem vence.

—Mal querenças, sem duvida; mesmo que eu creio muito na moralidade dos Srs. officiaes:

Mas o que dizem é isto:

Que no quartel fervem os brodios e pagodes, dos quaes muita gente sahe *alegre*;

Que n'uma dessas *camuecas* houve quem sahisse nu, embrulhado apenas n'uma coberta, a choramingar, por lhe haver um collega posto de *chilrado*.

—Força de *espírito*.

—Que chamaram o homem da *marmota* para verem as *vistas do Paraguay* e, em quanto o major este presente, portaram-se bem; mas, depois que este se retirou, escangalharam o instrumento com que o pobre homem ganhava o pão;

Que na vespera da chegada do marechal Argollo, indo se levar, a meia noite, presos do batalhão 110, não foi encontrado o official de estado;

Que um portuguez foi espancado dentro do quartel violentamente;

Que uma mulher lavadeira foi chicoteada;

Que um vendelhão, indo cobrar de alguem 196\$ rs. de generos fiados, foi deitado para fora a trombulhões;

Que um official castigou excessivamente a um seu escravo dentro do quartel;

E outras muitas cousas que dizem.

—E dá V. como consequencia de tudo isso a fuga dos presos.

—Indubitavelmente.

—Não é razão.

E' preciso notar que, si um outro pratica desmandos, a maioria é morigerada.

—Eu disse logo que ouvi dizer e até nem sei si ha la quem pratique disso, os boco-rios são que propalam.

—Eu agora, si fosse o commandante pro-cedia a um inquerito, mesmo para livrar os bons de serem englobados nos feitos dos maus.

—Houve quem tivesse a malignidade de serrar uma arvore do Terreiro.

—São as badernas de sabbado á noite.

—Uma cousa de utilidade publica! Que genio perverso!

—E o prejuizo que ia causando! Duas mulheres quasi ficam esmagadas!

—Entretanto, por ahi ajuize-se o grau de segurança que ha nesta cidade, quando mal-fazejos tem tempo para serrar uma grossa arvore, no Terreiro, legar este que, quando apparece algum lampejo de patrulha, é ahi que permanece.

—Eu sou de opinião que a policia deve ser incansavel até descobrir o author de tão revoltante acto e punil-o severamente, por que quem pratica aquillo é capaz de tudo.

—Os dignissimos este anno ficaram sem a missa do Spirito Santo.

—Não houve communicacão.

—Historia! Os conegos tem preguiça até de ir ao côro, sexta feira ou sabbado, era elle rezado por dous padres unicos.

—Entretanto, si os paes da patria, inspira-dos pela luz do Divino Spirito, andam as apalpadellas, o que não farão este anno, que estão ás escuras!

—O acceio desta terra revela-se por este logar!

—Os arcos da camara.

—Nem por estar debaixo das vistas imme-diatas da edilidade!

—E defronte do palacio do governo!

—Converteram isto em cloaca publica e quem quer, á noite, vem com seu bispote des-pejal-o.

—Com uma guarda perto e uma sentinella tão proximal!

—E agora que a assembléa trabalha, cujo pavimento fica superior a este foco de im-mundicie, terão os dignissimos, de suppor-tar este confortavel aroma!

—O Sr. Manuel Olympio, morador na rua Direita da Mizericordia, sahiu na sexta-feira, a noite, e demorou-se um pouco mais na rua, quando voltou encontrou-se roubado, na quantia de 62⁷/₁₀ rs., que tinha dentro do seu ahú. A porta não apresentava arrombamen-

to e somente haviam signaes de gazuas.

—Onde encontrar segurança, si a pro-priedade está a mercê dos larapios!

O Sr. Olympio que se queixe a policia, para ver se ella descobre o ladrão!

—Elle que não cuide em ganhar outros, e vá esperando que a policia descubra o rato-neiro, que já passou bem a custa do pobre artista.

—Capitão, ha 14 dias, na estrada de Bro-tas, desde as Pitangueiras, presencava-se um espectáculo revoltante, ignominioso, in-civil e deshumano.

Uma dessas scenas barbaras, consequencia inevitavel do fero jugo da escravidão.

—Homem, não me horrorise.

—Uma mulher de cor parda, desfigurada, trazendo ao pescoco um ferro em forma de cruz, na qual prendia-se a ponta de um re-lho, cuja outra extremidade era atada a cau-da de um cavallo, era levada quasi de jorro, porque a miseranda mal podia accompa-nhar o trote do cavallo que a arrastava!

Os caminhantes pasmavam ante seme-lhante ultraje á especie humana! . . .

Os moradores revoltaram-se contra seme-lhante canibalismo e soltaram brados de compaixão a favor da infeliz.

Mas o barbaro senhor não se commoveu! Ao contrario cobriu de insultos aos que lhe reprovavam o torpe e indigno procedimento.

—E essa fera quem era?

—Um subdelegado supplente de uma fre-guezia da capital, que ha pouco largou o ex-ercicio.

—Que moralidade! . . .

—E sabe a causa daquella vergonha sem nome, praticada á luz do dia, neste paiz que chamam civilisado?

—Estou disposto a ouvir.

—A desgraçada desesperada pelas tortu-ras que soffria, sahiu alta noite de casa, des-vairada, para se atirar no dique.

Uma mão charidosa, deteve a hallucinada creatura no acto de realisar o louco intento. Era o guarda municipal Jorge que por acca-so passava.

Aconselhou-a a voltar a casa de seu se-nhor e propoz-se a leval-a, mas como era bastante tarde, deixou para o outro dia, en-tregando-a aos cuidados de sua familia.

Demanhã, muito cedo, quando punha-se a caminho, ja o tiranno vinha em busca de sua presa. Em presença mesmò do homem flagellou-a horriavelmente com lacerante la-tego!

—Que deshumauidade! que falta de cor-tezia!

— O Sr. Dr. chefe da policia teve conhecimento do facto.

— E' o que eu estimo, para não se suppor que e alguma inexactidão.

— Mas infelizmente. . . o author de tantas atrocidades, o infractor da lei, continúa a ser autoridade policial! . . .

— E' muito!

— A despeito mesmo do processo que lhe move um dos injuriados na occasião.

— Eu não sei como é que se procede com tanta facilidade em certos casos!

— O que ha?

— O Sr. Antonio Pinheiro, morador ao Sa-boeiro, comprou um purgante de sal para um seu filho e um pouco de rosalgar para formigas.

No acto da distribuição enganou-se: deu o purgante as formigas e o veneno a creança!

— Que fatal equivoco!

— O infeliz succumbiu hoje ás 11 horas da manhã, debaixo de horriveis dores.

— Casos destes, magoam-me até o fundo d'alma.

— Não consta que a aauthoridade procurasse averiguar o facto.

Á PEDIDO

— Donde vem V. tão espantado?

— E' que, quasi ia me assombrando agora.

— Deveras? Em que logar?

— Nos mattos da Gamboa.

— Pateta! viu algum reboliço no matto e assustou-se.

— Pareceu-me ver dous spectros, dous valtos, e os cabellos me arripiaram e quasi caio, mal pude invocar o nome de Santa *Julia*, de minha especial devoção.

— Que manicaca!

— Quando tornei a mim, reconheci que tudo era uma illusão, apenas vi uma rapariga que andava ali colhendo hervas.

— Capitão!

— Que determina?

— Uma pergunta interessante.

— Anda sempre V. debaixo de novidades!

— Novidade não; é cousa séria.

— Pois diga lá.

— E' permitido a um caixeiro dos Vehiculos da Victoria perguntar a um seu desafeiçoado, na occasião de embarcar-se, si traz dinheiro?

— Que pergunta! Quando se deu isso?

— Na semana passada com um moço.

— São artes de algum Napoleão caricata.

— Nesse caso é conveniente que elle se corrija.

— Sem duvida. Concorde.

MOTTE

A mulata mais o ouro

GLOZA.

Eu vi uma muriçoca
Atrepada n'um girau.
Surrando um pinicapau
Com corceias de taboca;
O milho que faz pipoca,
No fogo da um estouro,
Das costellas de um besouro
Formou-se uma nau de guerra
Para navegar por terra
A mulata mais o ouro.

VARIEDADES

Cahiu um allemão do cume de uma torre, sobre um fidalgo hespanhol, com tal felicidade, que matando-o, não teve lesão alguma.

Perseguin-o desapiedadamente o herdeiro mais proximo do morto e não admittiu composição alguma, por maiores e mais interessantes que fossem as proposições que se lhe faziam.

Indignado o juiz com tanta obstinação, e vendo que só a morte do allemão o satisfaria, ordenou que subisse o hespanhol ao mesmo logar d'onde cahira o outro, e que se lançasse sobre o reu.

Julgo que ninguem duvidará de que o hespanhol não concordou no partido.

COMIDAS PROHIBIDAS NOS CONVENTOS DE FREIRAS.

Cuscús.	Fructa pão.
Caramurú.	Tomates
Linguiça.	Pamonhas.
Banana da terra.	Bringellas.

DECLARAÇÃO

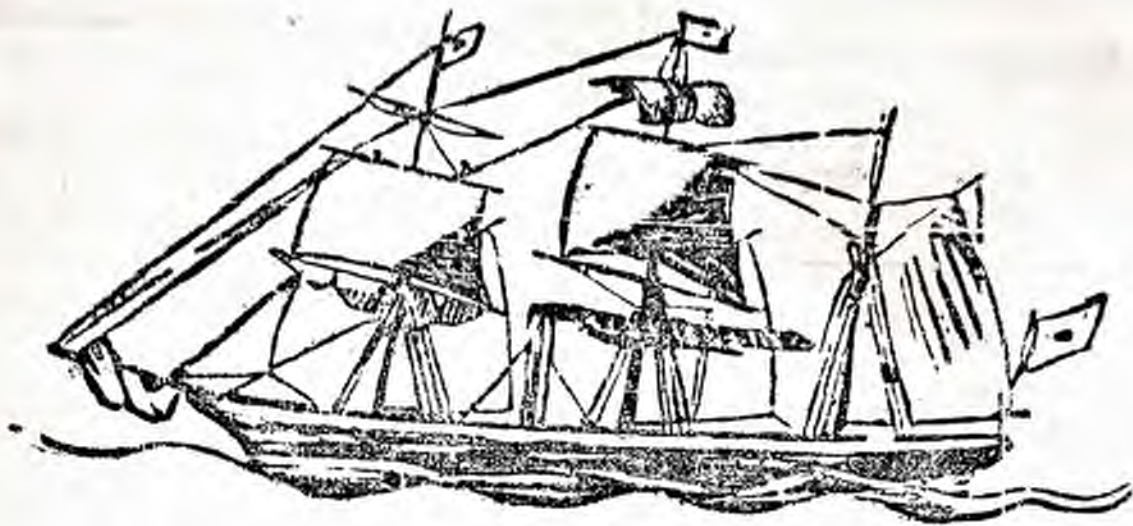
— Distribue-se hoje a 25.^a folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCOS

Sabiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, betica da esquina do becco do Godinho.

Já se acha impressa e exposta a venda a TOMADA DE VILLETA, grande galope.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE ABRIL DE 1869.

N. 493.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe, pela segunda vez, que lance suas vistas para uma casa de jogo, aberta, ha pouco, no Caquende, pertencente a um portuguez, onde ha sempre desordens e barulhos. Convem que S. S. tome providencias a respeito, mesmo porque o tal portuguez diz que nada lhe pode acontecer, pois conta com o subdelegado da freguezia por seu lado, o que não acredita-se, porque faz-se justiça ao character de tal authoridade. Espera-se, em vista do que acima fica dito, que a lei será executada.

—Ao Illm. Sr. proveitor da casa da Santa Misericordia, dizendo-lhe que, uma vez que a capellinha de Nossa Senhora da Piedade passou a ser dominio das irmans de charidade, sirva-se S. S. de mandar arrancar o distico —*deposito dos cadaveres*— que ha no frontespicio da mesma, para que não se esteja assim a mentir ao bom senso publico, quando os mencionados cadaveres são atirados a um cochicholo escuro, e não depositados na referida capella.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que visite os pateos da casa n.º 27 e immediatos da rua do Collegio e veja o estado em que se acham. Cumpra.

—Ao muxingueiro Evaristo, entregando a seu cuidado uma furibunda cadella que ha no becco do Curreal das Vaccas, ao pé do Sessenta e Cinco, nas Mercês, a qual tem mordido á mais de uma perna e n'um dos dias da semana finda deixou uma pobre mulher em petição de miseria. Cumpra.

—Dizem que não ha ordem de se visitar doentes no hospital, sinão aos domingos.

—E' certo.

—Ao passo que hontem, terça-feira, sahia um grupo de cinco estrangeiros muito depois das sete horas da noite d'ali.

O que foram la fazer? Porque se demoraram tanto?

—Ora! V. não sabe que os *patricios* podem — se *communicar* — com as *patricias*?

—O Zama brilhou n'assembléa. Fez um discurso de estouro.

—Que o Vital respondeu ao pé da lettra.

—Nem diga isso!

Ha tanta differença como agoa do vinho.

—Ja sei, V. é apaixonado.

—Pelo contrario sou tão imparcial quanto V. pode ser.

Mas todos os que ouviram que digam si a maior parte dos pontos de accusação que fez o Dr. Zama não ficou sem resposta.

—Eu, si tivesse intimidade com o Dr. Vital, o que lhe aconselhava era — que nos seus discursos e apartes não seja tão amante da phra-

se —está enganado—que repete tão a miúdo, porque por fim, pode vir a ficar:..

—... Está enganado o Sr., não pode vir a ficar cõessa nenhuma.

—A policia andou hontem ás voltas com a gente do candomblé.

—Ora deixe-me!

Realmente a policia andá tão avisada: em certas cousas como um carro na lama.

A's duas horas da noite chegavam ás Areias da Armação, as chamadas *Vidueas*, e todos os accessorios do candomblé, conduzidos de casa da africana Clara, em S. Miguel, para ali. De manhan, quando tudò já estava em salva-guarda, é que a policia foi prender pobres raparigas, que moram na loja por baixo da referida africana, e que nenhuma ingerencia tem no candomblé!...

—Ora esta é bem boa:..

—A economia das irmans de charidadê é demasiada!

Doentes em convaléscença são obrigados a brunirem e vasculharem o assoalho da casa diariamente, um serviço que extenua a gente san, quanto mais a quem está debilitado!

—E a casa tem medicos que não deviam consentir:..

—Mas esses ou não sabem, ou sabem e calam-se:..

—Não se admire disso:.. Há outro genero de economia mais rigoroso:..

Pessoa competente informou-me que os restos da soupa de um dra são guardados para se misturar com a que se faz no immediato!

—Entretanto, apezar de tanta economia, parece que a sorte pecuniaria dá santa casa nunca foi mais precaria! Vejo immensidades de recolhidas andarem por ahi esmolando e obrigadas pela necessidade a se prostituirem, sem que se lhes dêo dote a que ellas tem direito!

—Outro tanto não acontece ás santas mulheres. Os vapores da carreira da Europa poderiam attestar si fallassem.

—Quem ha de crer que dentro, desta capital, um 1.º supplente de subdelegado amarrò uma mulher, embora sua escrava, á cauda de seu cavallo e assim arrastou-a por uma estrada publica, á vista de um concurso immenso de povo?

—Quando nas barbas do governo se dá disto, faça ideia ahi por fora!...

—Quem ha de crer que essa authoridade ferindo acintosamente a lei, martyrisava dia e noite a infeliz, alem de outras torturas, com um ferro ao pescoço?

—Que genio de homem! E' mais rijo que um diamante bruto!

—Quem ha de crer que um cidadão honesto, proprietario, revoltando-se a vista de tão vil procedimento, foi acicamente insultado, e ameaçado pela desvairada authoridade de ir immediatamente tomar conta da subdelegacia para ensinal-o?

Quem ha de crer que a policia consentisse que essa mulher, victima de tão cruéis flagellos, desapparecesse da noite para o dia da provincia; para não vir a ser uma prova viva, com as sevicias que apresentava, da barbaridade de seu senhor?

E tudo isto é verdade!

Cinco ou seis testemunhas, pessoas todas de criterio, vão depor em um processo instaurado por um dos offendidos por essa authoridade de policia no acto em que dava pasto á ferocidade de seu genio.

Entretanto quem praticou tudo isso contiua a ser 1.º supplente de subdelegado de uma das freguezias desta cidade!...

Não que o digno Sr. Dr. chefe de policia ignore, porque o cidadão José Luiz da Rocha, veio immediatamente expor a S. Ex. o occorrido.

E sabem quem é essa authoridade?

E' um dos campeões das eleições de setembro:..

—Capitão, acaba de communicar-me, um moço, que chegou na quarta-feira de Santo Amaro, que a caçada feita pela guarda nacional nessa cidade é horrivel.

Os guardas nacionaes agarram o povo e o leva a rastos para a prisão, de baioneta fora, como si fossem assassinos.

Esse mesmo moço foi testemunha de diversos guardas, que foram dados para o contingente os quaes vieram no mesmo vapor em que elle veio, algemados, como si fossem sentenciados!

—Ahi está o partido que vinha acabar com a guerra; ahi está o partido que vinha destruir a lei do recrutamento; ahi está o partido que vinha salvar o paiz da crise em que se achava!

Alem da carne pelo enormissimo preço de 320 rs. a libra; alem da farinha por 1\$600 e 1\$920 á quarta; ainda o reaparecimento da caçada de homens!

Então senhores do governo, que é das suas promessas?

Si os progressistas estavam desfalecendo os cofres publicos, porque queriam encher-se os conservadores que não precisam, porque, quasi todos, são barões, viscondes, condes, marqueses, e até ja ha duque, que não pre-

eisam de encher-se, o que fazem em bem do paiz?

—Perseguir o povo ainda com o recrutamento e fazer com isso que os generos da primeira necessidade fiquem caros assim de que elle morra de fome!

—Sim, continuem senhores do governo, que serão tanto nessa como na outra vida recompensados por suas boas obras.

Nesta vida tereis em recompensas o desprezo deste povo que tanto soffre por vossa causa, e na outra o diabo prepara-vos em seu infernal reino cadeiras de honra, em recompensa dos beneficios que tentes feito ao paiz!

—Amen!

—Eu não sei como qualifique a indifferença da policia para certos factos!

—Sobre o que vae fallar?

—Ouça:

Um individuo vae a uma botica e compra ao mesmo tempo uma substancia venenosa e um purgante e os mette englobadamente no bolso.

—E' uma falta de cautella inadmissivel.

—Demos de barato que, atarantado com a molestia de um filho, assim praticasse; chegando em casa, porém, elle que leva juntos o purgante e o veneno, indistinctamente mette a mão no bolso e tira um dos papeis e dá a sua mulher para que administre ao doente.

—Parece inexequível; ao menos pelos tamanhos: um purgante de sal não tem o mesmo volume que meia onça de arsenico.

—Como conceber-se que em caso tão grave, quando se leva no mesmo bolso uma substancia mortifera e um preservativo para saude, se proceda tão levemente; não se procedendo, no acto da separação, a severa escolha para evitar funestos enganoses?

—Só de uma creança.

—Entretanto o fatal engano, que se teria evitado com um pouco de cuidado e previdencia, realisa-se; a creança morre envenenada; e o pae monta á cavallo e larga-se para a cidade a tratar de seus negocios conservandó-se, até 5 horas da tarde, conversando pelas lojas de miudezas.

—Mas o que quer concluir V. dahi?

—Nada absolutamente.

So pergunto si não é daquelles factos que a policia deve indagar, saber, prescrutar, interrogar?

—E', é.

—Então basta.

Á PÉDIDO

—Ah, cousas do mundo!

O Dr. Vital que o anno passado era o pro-

gressista mais exaltado em apartes na assemblea, e que quando sahia dali ia direito á palacio, é hoje o conservador mais denodado e que toma tudo a peito!

—Ao menos, quando a transição é feita como a do Dr. Vital, vale a pena.

—O Sr. está certo que trocou, hontem á noite, 500 rs., a este menino?

—Certissimo.

—Pois veja que no dinheiro foram estes dez tostões sem numero, e que so agora de manha dei com elles.

—Não duvido; assim como não tenho duvida em recebê-los; com tanto que compre alguma cousa.

—Mas eu agora não preciso de nada; deixe cá o dinheiro, que quando eu quizer, mandarei buscar qualquer effeito.

—Menino, vae dizer ao homem da venda, que mande uma libra de assucar e o troco dos dez tostões que la ficou.

—Sr. mestre, o homem manda dizer que, si quizer ha de gastar todos dez tostões, do contrario, não os recebe.

—Então o Sr. não me quiz mandar o troco?

—Si quizer, hade ser como eu disse.

—Mas o Sr. não tem certeza de que foi quem deu o dinheiro, como quer obrigar-me a gastal-o todo em sua venda, quando tenho outros gastos a fazer?

—Quem viu-me dar?

—Então como os recebe, si eu me sujeitar á condição, que me impõe, de comprar todo elle de generos?

—E' uma contemplação.

—E' uma ladroeira, gallego do diabo!

E' assim que tu e muitos enriquecem, roubando descaradamente de pobres artistas o fructo de seu trabalho.

—Não me venha insultar em minha venda.

—Fica com o dinheiro, ladrão, que eu so me despicava, si com um *martello* te desse na cara tantas martelladas quantas letras tem o dinheiro. Tu não precisas mais de ir para a estrada; ja estás nella.

OBRA FINA.

—Não sabe, a Rosa agoa de gasto recebeu 240 bodes por conta da venda do seu lindo, bello e querido creoulo Martiniano mão sinha.

—Boa descoberta, vejamos si ella agora tem vergonha e paga os alugueres das casas onde tem morado; ou se quer ainda encalacerar os fiadores.

—Lá isso é com ella.

—Seria bom tambem que ella pagasse os

40 bodes, roubados em sua casa ás Portas do Carmo.

—Quem lhe disse isso?

—Foi a Maria lá da Conceição.

—Homem, essa é uma do diabo, si ella tiver juizo, deve pagar tudo.

—Eu acho bom que o faça, do contrario salirá muita cousinha boa á seu respeito.

—Eu tenho para mim que ella paga, pois tem 240 bodes e para passar a quaresma basta menos.

—Em todo o caso que pague ao homem da carteira de Fr. José e os 40 bodes roubados, por quem, ella bem sabe, pois que diz a todos.

—Não, ella agora toma vergonha.

—Duvido muito. E demais foi cousa que nunca vi, vergonha na cara dessa gente; basta ser.

—Jesus. . . !

—Olha tu não vês com que garbo se apresenta ella na janella? Não parece uma baronesa sem titulo?

—Eu sei. . . Você. . . .

—Esta Rosinha agoa de gasto das merez e das Arabias. Tem feito cousas. . . veja V. só aqui quantos: morou na rua do Bispo, callote; na rua Direita da Misericordia, callote; Mael de Cima, callote; Portas do Carmo, callote; rua Direita do Collegio, callote. . .

—Basta, que estou tonto com tanto callote. Emfim ella tem agora 240 bodes hade satisfazer tudo, e vingar-se.

—De quem?

—V. bem sabe, segundo ella disse.

—Ora bollas meu amigo.

—Dessa maneira ella ainda achará quem lhe sirvá de fiador?

—Só si for um tollo como o Teixeira das botas, que, acompanhado de uma cunha de thesouraria e mais um certo empregado publico tem cahido, pois outro qualquer não mette mão em combuca.

—Lá por isso, estou eu.

A carteira de Fr. José.

(Oculo Magico.)

PROVINCIA DO AMAZONAS.

Parodiando a Caligula

Desta Turquia o Sultão

Nomeou para o senado

Em vez de gente—um leitão.

(Amigo do Povo.)

Pergunta-se ao inspector do trem do mar que destino deram ao regimento de signaes e bandeiras entregues pela curveta D. Januaria, pois, segundo dizem os socios commanditarios, o ousado lusitano levou parte d'ellas para

sua casa, como costuma. Tambem, se descobrir alguma bisca com madeiras, o que fará Sr. inspector? Não se illuda com o canto da soreia.

O empregado cynico.

VARIÉDADES

AMOR FILIAL.

Uma correspondencia do Napoles refere um tocante caso de amor filial.

Lucia G. era a mais sympathica creanca da provincia: uma moreninha que promettia ser uma deslumbrante formosura do Meio dia. Tinha nove annos,

Sua mãe, Rosa, casada com um guarda, era suscetivel a ataques de catalepsia.

Morreu de um desses ataques, ou pelo menos os medicos assim o acreditaram. Foi armado de preto o seu quarto e exposto o cadaver, segundo o costume das provincias napolitanas, n'uma eça, entre quatro tochas. A' noite, uma velha religiosa não clausurada, que se chama em italiano *monana di casa*, ficou velando junto da defunta.

Tinha afastado desta a Luciasinha, louca de dor. Mas, de noite, ella enganou a vigilancia dos parentes, que a julgavam adormecida, e correu á camara mortuaria. A menina subiu de mansinho á eça e pode abraçar á sua vontade a mãe, cujo rosto ella regou de ardentes lagrimas.

Que se passou? Só Deus o sabe. Pela manhan quando foram levantar o cadaver, Rosa soltou um gemido, abriu os olhos, reconheceu a filhinha, immovel, junto della, ergueu meio corpo, olhou com horror para os pannos negros que forravam as paredes. . . e comprehendeu!

Felizmente, Rosa não morreu de medo. Ajudaram-na a descer da eça. . . mas quando quiz tomar nos braços a filha esta não se prestou a isso. Parecia adormecida. . . dormia o somno eterno.

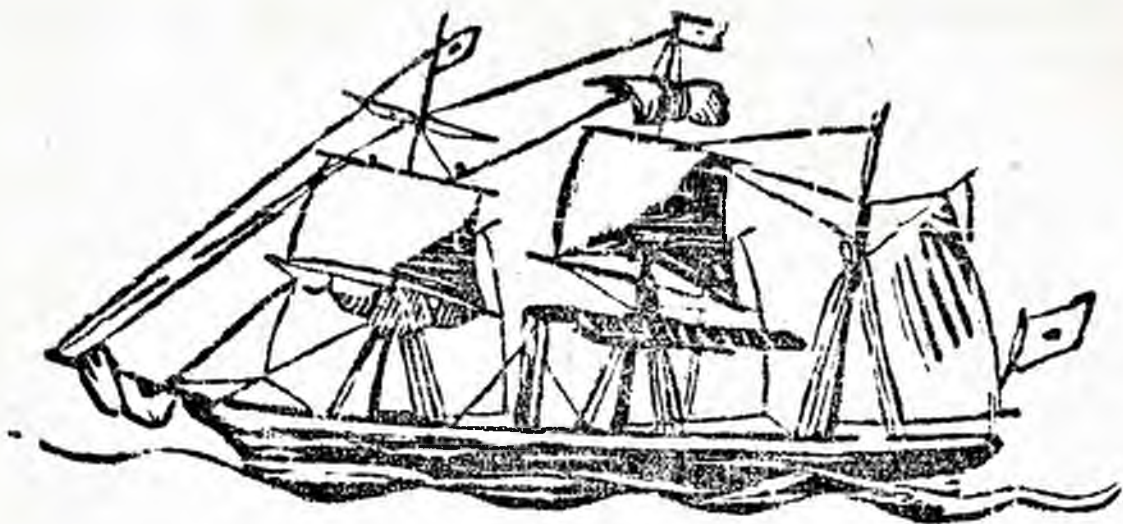
Matou-a a dor, ou a alegria de ter sentido nos labios o sopro de sua mãe resuscitada, dessa mãe que ella tinha despertado com as suas lagrimas, como o rocio faz reviver uma flor curfiada pelos ardores do sol?

Ninguem o póde dizer.

A camara continuou armada de preto. Somente o cadaver da Luciasinha foi occupar na eça o lugar, onde esteve o corpo da mãe.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 26.ª folha do—RO-CAMBOLE.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

20 DE ABRIL DE 1869.

N. 494.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto policial, levando ao sen conhecimento a communicação que nos fazem de que, na rua do Tingui, em casa de um Sr. Araujo, dera-se um caso de crueldade inaudita, qual o de ser queimada com um tição a bocca de uma negrinha, que acha-se em estado de commiseração. Da solicitude com que S. S. costuma attender a casos desta ordem, espera-se promptas e seguras providencias.

—Ao mesmo, communicando-lhe o facto estupendo de um creoulo, que, no sabbado á noite, espancou a seu proprio pae.

Caso de tanta gravidade foi presenciado por immensidade de povo, que se agglomerou á porta do barbeiro Adão, estabelecido no Maciel do Baixo, e pae da fera de que se trata, e a policia la não appareceu, apesar dos repetidos toques de apito. Não devendo ficar impune um monstro que ousa levantar o braço para aquelle que lhe deu o ser; espera-se que S. S., á despeito da isempção que garante o mesmo por ser guarda nacional de artilharia, o mande fazer uma viagem ao Paraguay como correccão.

—Homem, diga-me.

—Si souber.

—A que horas costuma o presidente dar audiencia?

—Tem alguma pretensão?

—Não, queria apenas saber si era de dia ou de noite.

—Ora esta é de sua cachola!

—Eu lhe digo a razão.

No sabbado, eram 5 horas e tres quartos da manhan, quando sahia de palacio uma linda moreninha, acompanhada por uma veterana de chale; embarcou em uma cadeira, que seguiu pela ladeira da Praça e foi arrear em certa porta á rua dos Capitães.

—Não ha nada de mais ahi.

—Iria aquella moça obter alguma audiencia?

—Provavelmente.

—Mas então, á que horas entrou ella para palacio?

—Agora isso é que não é de sua conta.

—Da casa do coronel Galathea, á rua da Lorangeira, foi raptada uma menor.

—Quando?

—Na sexta feira.

O raptor, dizem, é um fulano Candido, morador na mesma rua, em um quartinho por baixo da casa do Sr. Fortunato de Freitas.

Esteve com a offendida todo dia de sabbado, em uma loja visinha da casa do coronel Galathea, e de madrugada houve quem o visse sabir com ella e tomar para o lado do Terreiro.

—Mas não se sabe...

—Não; mas, si a policia quizer ser um pouco minuciosa, pode muito bem chegar ao conhecimento de tudo.

—Capitão, na sexta-feira fui testemunha de um facto, que revoltou-me.

—Qual foi esse facto?

—Passava eu pela rua das Princezas e vinha um menino, branco, que não podia ter mais de nove á dez annos, e um preto africano carregando um fardo de fumo. O preto passou, embarrrou no menino e este deu-lhe um socco no braço.

O que havia fazer o preto?

—V. o dirá.

—Desandou uma bofetada, no menino que o atirou por terra, e não satisfeito disso, quando este levantou-se com a cara disforme pela bofetada e os beiços partidos, jogou sobre elle o fardo que trazia, que caiu-lhe pelas cadeiras, atirando-o ainda de peitos sobre o passeio.

—Que desaforo!

—Mas, o que mais me indignou foi um moço dar voz de prisão ao preto, e apparecer o Sr. Bastos Sobrinho advogando a causa delle, dizendo que o menino era muito malcreado e que tinha sido quem insultara e provocara o preto!

—E não foi preso o preto?

—Qual preso! O menino foi quem ficou de beiços quebrados e por milagre de Deus não ficou morto, pois que, si o fardo pegass-lhe nas costas, coitadinho, tinha de ir ceiar com Christo.

—Os meninos de hoje estão muito insubordinados, não resta duvida; mas esses pretos ganhadores tambem são muito atrevidos.

—Mas tudo isso ao que é devido?

—E' devido a falta de policia.

—E' verdade; porque si houvesse policia, não se daria desses e outros casos, tão frequentemente como se dão.

—Ante-hontem, pelas 3 horas da tarde, um filho do Sr. João de Deus Soares foi á uma venda, no Gravatá, comprar certos objectos de seu pae, e um moleque do Sr. major Souza Vieira atirou-lhe uma pedra sobre o olho direito que o pôz horivelmente disforme.

—Os moleques agora pintam o diabo a quatro pelas ruas sem respeitarem pessoa alguma.

—Mas tudo isso é devido á falta de policia.

—Qual policia! A policia... descansa um pouco do muito trabalho que teve seu chefe na questão Pedro Meniz.

—O que quer dizer este apparato?

—Não vê? E' um cerco.

—Sem duvida buscam algum criminoso, acoitado n'aquella casa n. , á rua de D. José.

—Não senhor, é uma prisão da guarda nacional.

—Ahl

—Agora o que o Sr. deve notar é que o individuo a quem buscam anda dia e noite na rua.

—Então, para que aquella ostentação de força?

—Eu sei lá!

O individuo é Antonio Carvalho da Silva; já foi ao sul duas vezes e voltou em ambas inspeccionado por incapacidade physica, e actualmente padece do peito lançando sangue; era o unico arrimo de seu pae, Eugenio Carvalho dos Santos, octogenario e cego, que, ha pouco, falleceu, e de tres irmans honestas, uma das quaes, ha quatro annos, geme sobre uma cama, porque seu outro irmão Joaquim Ignacio de Sant'Anna, que o ajudava, tambem foi para o sul e lá ficou.

A policia invadiu a casa e procedeu de uma maneira selvagem. Foi até o quarto onde, n'um leito, geme a infeliz irman doente, e levaram a audacia a levantar as roupas da cama para ver si o homem ali estava!

—E' um ataque ao pudor, uma violencia á honestidade.

—Remexeram todos os cantos e quizeram até arrombar uma porta travessa que dá para o escriptorio do Dr. Pedro Caetano, actual delegado.

—Que furor de caçada!

—Para se prender um homem, que é visto á qualquer hora na rua, faz-se um alarde, uma basofia, uma patacoada, desrespeita-se moças honestas, cujo defeito é serem pobres, revolve-se-lhes a cama e pratica-se quanto desvario ha!

—E por fim de contas dizem que o povo paraguayó é desgraçado porque vive debaixo do jugo despotico de Lopez!

—Capitão, não me dirá uma cousa?

—Vá dizendo.

—Que hierarchia tem o Sr. Paranhos, director do arsenal de guerra?

—Ignoro. Sei apenas que é tenente-coronel de engenheiros; porque?

—Porque outro dia, morrendo um filho desse senhor, foi uma musica militar acompanhar o enterro e tocou em funeral atraz do cadaver desde a casa do sahimento, até a igreja.

—Homem, eu entendo pouco das regras

militares, mas vou consultar á respeito o commandante das armas que é proveccto na materia.

—Me parece que semelhante honra é reservada somente ao Enterro do Senhor na Sexta feira Santa.

—Velleidades! Talvez o Sr. Paranhos, por ter á sua disposição uma musica militar, entendeu que devia aproveitar-se della para mandar tocar atraz do enterro de seu filio.

—Dando-lhe honras de que?

—Não sei.

—Oh, vaidade mundana! Até na hora de uma dor solenne inspiras loucas vanglorias!

—O que posso lhe afiançar é que um militar entendido como o Sr. Paranhos, não cahia nessa á não ser authorisado por alguma praxe.

—Agora os meninos da Candinha andam dizendo que S. S. impozera aos seus empregados que tomassem luto por oito dias.

—Homem, suma-se, que não estou para ouvir tanto descoco.

—O Sr. Dr. chefe de policia que tenha cautella consigo.

—Corre algum perigo?

—Está ameaçado de levar uma pedrada.

—Não diga.

—Um individuo de nome Francino, primo de Manuel Martins, a quem S. S. mandou para bordo, disse na porta do forum, á vista de muita gente, que ha de lhe dar uma pedrada em consequencia do passo que S. S. dera a respeito de seu primo.

—Não creia.

—Accrescentou o tal sujeito que o chefe de policia costumava passeiar á noite em trajes mudados e que, n'uma occasião destas, receberia o presente sem saber quem lh'o mande, e ajuntou a tudo isso os mais *urbanos* e *honrosos* epithetos que se podê imaginar ao nome de S. S.

—Sempre anda V. debaixo de novidades.

Ora quem vae lá dar ouvidos a Francino, um idiota!

—Pois não ha um meio para refrear as insolencias deste petulante Marcos Rabeca?!

—Quizesse a policia, e os meios não lhe faltariam.

—Mas eu ja não sei a conta das vezes que Marcos Rabeca tem ido á presença dos cidadãos, que se tem sentado na cadeira da delegacia desta capital, e á dos diversos subdelegados, pelos seus maus feitos; mas no outro dia o vejo impavido a continuar no seu desrespeito ao pudor publico, a praticar novas scenas de immoralidade e sevandisagem!

—E' besta incorregivel.

—Na sexta feira, dirigiu, na rua de Baixo, das suas *costumadas graças* para certa janella, sem attender que a pessoa que ali se achava pertencia a uma familia honesta, e como essa pessoa se retiresse enjoada da *graca* do tal bruto, soltou a lingua e não houve nome por mais injurioso, palavra por mais obscena, que não sahisse daquella bocca immunda e torpe, horrorisando as familias que por ali se achavam!

Depois que saciou bem seu genio maligno e depravado, retirou-se audaz e altivo, como quem tinha praticado uma boa acção, sem que houvesse viva alma que fizesse conter aquella torrente de indecencias n'uma rua publica!

—Deixe-o; tantas elle hade fazer, que alguma lhe sahirá cara.

—Amanheceu neste porto o *Guará*.

—Traz noticias da guerra?

—Resumen-se nas seguintes do *Diario Fluminense*:

«Mais um transporte de guerra, o *Isabel* entrou ante-hontem procedente de Assumpção, tendo d'ali sahido a 30 do mez findo.

«Como sempre o publico pergunta interessado—o que trouxe o *Isabel* de novo do Paraguay?

«Nada, absolutamente nada de positivo, é a resposta: sabe-se apenas que Lopez continua a fortificar-se nas cordilheiras, tendo ainda recursos e a sympathia e dedicação do seu povo.

«Mas então o que fazem lá o exercito brasileiro e a esquadra, e mais ainda o ministro de estrangeiros, Paranhos, o grande diplomata do ministerio da escolha—sagradamente inspirada—para o fim de—fazer a harmonia dos brasileiros e desaggravo da honra nacional?—

«Cuida dos—fornecimentos—de carvão para a esquadra e outros generos, e das forragens, cavalgaduras e rações para o exercito!

«E não é pouco! Vê e julga das—amostras—e determina a preferencia para os... contractadores que apresenta o Sr. José Candido Gomes.

«Tudo isto, bem se vê, é—admiravel—.

»Entretanto o *Jornal do Commercio* informa ao paiz por um modo, o *Diario do Rio*, por outro, e o *Diario Official* ainda por outro.

«Segundo o *Diario do Rio*, organ da situação, o exercito dividira-se em tres porções, afim de tomar posições diversas, deixando em abandono Assumpção, para assim..... cercar Lopez nas cordilheiras, que segundo

uns tem 5,000 combatentes. segundo outros 10,000 e mais 3,000 familias com elle!

« E o que é feito da população?... »

« Morren toda naturalmente, ou está ella escondida, sem que os nossos a lobriguem! »

« O *Jornal* diz, porém, que o dia 3 de abril era mareado para o exercito marchar para as cordilheiras, achando-se Lopez em Askurra, a 15 leguas de Assumpção. »

« Quanto ao *Diario Official*... Sua Alteza o Sr. conde d'Eu havia chegado a 5 em Montevideo desembarcando de noite, indo no dia seguinte cumprimentar o presidente da republica, tendo-se hospedado na legação brasileira. »

« Houvera muita curiosidade na população em ver o illustre marechal. »

« No dia 6 seguiu para Buenos-Ayres, onde devia demorar se com o Sr. Paranhos. »

« E nada mais. »

« Entretanto cartas particulares, e authorizadas, ao que parece, affirmam que a posição de Lopez é pela natureza fortificada e inexpugnável, e que tem elle recursos abundantes para manter-se, e a decedida protecção do ministro americano. »

« Acrescenta-se que este enviou nota aos governos alliados, os quaes não estão longe de annuir, propondo-se a fazer sahir Lopez do Paraguay, previamente modificado o tratado da alliança. »

« Assim que, um convenio de 20 de fevereiro, á Lopez agora, como aquelle fôra á Aguirre, pode determinar o fim da guerra. »

« Nem importará que, após o convenio, a eleição do povo paraguayo recahindo em Lopez, possa de novo installar-se legalmente no governo protegido ou antes garantido então pelas potencias neutras! »

« Será este o desfecho da guerra? »

« Vêl-o-hemos cedo! »

« E nada mais. »

Á PEDIDO

Para o supremo tribunal de justiça seguiu o recurso interposto pelos Srs. Joaquim Pereira Marinho e G. H. Gunter, na disputa de rateio com Fray & Salzmänn, cuja questão sendo muito menor de 5:000.700, como consta não só do valor, que se deu á causa, mas também da conta, que afinal foi feita pelo contador, parece que, cabendo na alçada do meretissimo tribunal do commercio, não se devia tomar titulo de recurso.

Como porém o escrivão, enganadamente, fez averbar para pagamento da dizima, não a quantia em que acima tinha sido avaliada; mas sim a de 10:700\$, total levantado do deposito; e bem que este engano ja foi lem-

demonstrado nas razões do recurso, todavia motivos ha para forinar esta declaração afin de chegar ao conhecimento dos illustrados julgadores, o ficar supprida qualquer falta, que possa haver no processo, a semelhante respeito.

—Capitão, não é uma verdade a toda prova que não temos uma estrada capaz de se transitar?

—Assim como é uma verdade que todos os governos se dizem economicos e não as mandam endireitar.

—V. Ex. ha de saber que a estrada real, ou das Boiadas, vem sahir no Engenho da Conceição.

E' também uma verdade que, segundo ouço dizer, o arrematante do entulho para a casa de prisão com trabalho, obrigou-se a tirar o entulho na beira da montanha, do lado da ladeira; e no entretanto está tirando no centro da montanha, quando podia, com um pequeno trabalho mais, fazer um servide que se tirasse dous proveitos, os quaes são fazer o entulho, e ao mesmo tempo melhorar a ladeira que está intransitavel.

—O que me parece é que ahi ha patota das do costume. E não devia ser esse o estado de uma estrada como essa, por onde passam todos os patriotas que vão suffragar as almas dos heroes de nossa independencia, os generaes Labatut, Pacca e Luiz da França.

—Que contraste com o monte Vernon, onde está sepultado o general Jorge Washington.

—Agora o que também é verdade é que o fiscal geral, morando naquellas immediações, não vê o estado em que está a estrada para participar á camara.

—O fiscal geral dá pouco cavaco com estas cousas

Que importa a elle isso?

—Pelo menos aformosearia a estrada onde elle tem suas terras e propriedades.

—Ora não me aborreça, faz favor!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 28.ª folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

O Sr. Lacerda escrivão de Abrantes tem uma carta na rua dos Ourives, casa n. 5, A.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n. 27 se dirá quem compra prata, ouro, e também dá dinheiro sobre hypotecas de qualquer especie.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

22 DE ABRIL DE 1869.

N. 495.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
21 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, no dia 9 do corrente, em Peripiri, um Fulano de tal Sant'Anna foi ferido com um tiro e uma facada que lhe deu Gregorio Manuel da Conceição, em consequencia de desavença proveniente de uma differença de quatorze vintens em ajuste de contas, por uma parede que Sant'Anna fizera para seu aggressor; e como não conste que até hoje se fizesse corpo de delicto, apesar de ter elle sido praticado á vista de varias pessoas, como Estevão Silvestre, morador nos Coutos, Marcellino José Dias, Antonio Silvestre, Candido Lopes e outros, e nem se procedesse á prisão do criminoso, que aliás passeia publicamente, leva-se ao conhecimento de S. S. para que dê as suas costumadas e efficazes providencias em sentido de ser executada a lei.

—A casa do Pedrozinho está cercada!
Será denuncia de negros novos?

—O que, homem!

—O que será então? no tempo do *chanchan* é que se costumava cercar as casas dos *poderosos*, agora não.

—V. é um curioso dos peccados!

Ja que quer saber o que é, escute:

Firmo, rapaz gaiato, de argolinha na ore-

lha e guarda do 5.º batalhão, deu agora mesmo uma facada em Innocencio, creoulo, escravo, e dizem que correu a homisiar-se ali. A policia poz-se em movimento e correu a casa.

—Bom, estou sciente.

—Atenção!

« *Regulamento da junta de hygiene publica, mandado executar pelo decreto n. 828 de 29 de setembro de 1851.*

« Art. 25.—Ninguem pode exercer a medicina, ou *qualquer de seus ramos*, sem titulo conferido pelas escholae de medicina do Brazil... Os infractores incorrerão na multa de 100\$ rs. pela primeira vez, e nas reincidencias em 200\$ rs. e 15 dias de prisão.

« Art. 28.—Os medicos, cirurgiões, *boticarios*, dentistas e parteiras apresentarão os seus diplomas, na corte e provincia do Rio de Janeiro á junta central, e nas provincias ás commissões e provedores de saude publica.»

—Que lembrança foi essa sua?

—Para fazer-lhe uma pergunta.

—Diga.

—As irmpans de charidade são privilegiadas?

—A razão?

—Porque, em menoscabo da lei, exercem, sem habilitações, a pharmacia, impunemente, na Bahia.

—Mas isso é particularmente.

—Particularmente! Pois ter um laborato-

rio montado dentro do hospital de charidade, estabelecimento publico, aviar receitas sem a precisa habilitação, é exercer particularmente a profissão da pharmacia! E depois, a lei quer saber si é particular ou publicamente, quando, de qualquer modo, pode resultar perigo a sociedade?

Diga que essas estrangeiras entraram com bom pé nesta terra das condescendencias, e que, portanto, podem fazer o que quizerem, que eu concordo.

—Eu não sei disso; a cousa é com o Sr. inspector da saude, elle que consente é porque acha razoavel.

—Ha noticias da guerra?

—Poucas.

—O que dizem?

—Eil-as.

«Chegou o vapor *Cisne* do Paraguay. Os exercitos alliados fizeram-se em marcha no dia 5, ficando na Assumpção o oriental por achar-se em grande miseria e sem dinheiro. Segundo alguns transfugas, preparava-se Lopez para atacar a vanguarda dos alliados, fazendo transportar pela estrada de ferro infantaria e artilharia.»

—Bem!...

«Continuava a dizer-se que Lopez se achava com seis a sete mil homens e umas 30 peças de campanha no desfiladeiro de Ascurra, que fica entre Serro Leon e Paraguay.

«O vice-presidente Sanchez estava em Pirabebuy, séde provisoria do governo com os ministros Falcon e Gonzalez; e no dizer dos transfugas, tambem alli estava o general Mac-Mahon, representante dos Estados-Unidos. Acrescentavam que Lopez tinha uns 5,000 feridos em tratamento nas villas de Cacupe, Pirabebuy e S. José, que não lhe faltava gado, mas que tinha a cavallaria muito mal montada.

«No dia 7 o Sr. conde d'Eu chegou a Buenos-Ayres, sendo recebido no caes pelos ministros da guerra e estrangeiros daquelle paiz, e pelo Sr. conselheiro Paranhos, que na véspera tinha chegado d'Assumpção.

«Na manha de 8, sua alteza partiu pela estrada de ferro para o Tigre, onde embarcou para Assumpção com o seu estado-maior.»

E anda o povo brasileiro mettido neste sarilho!

Lopez foge n'um dia do capão Marmoré, sem meios, sem recursos, e apparece no outro forte, entrincheirado, com 30 peças de campanha e vem aprisionar a nossa gente nos arredores de Luque!

—Que homem diabolico!

—E constitue um governo regular em Pi-

rabebuy, ao qual a maioria da nação paraguayo se submettel!

—Pobre povo brasileiro como ludibriam a tua boa fé!

—As innovações desta terra são sempre para peor.

—E' exactissimo.

—No dia 18 amanheceu no porto o *Guarú* e só no dia seguinte é que este seu creado teve cartas e jornaes.

—Como o Sr. muita gente.

—Procurei saber a causa de tal demora e disseram-me que foi uma deliberação do Sr. administrador interino.

—E' celebre!

—S. S. ordenou que os carteiros primeiro aviassem as malas á seguir para depois sahirem á entregar as cartas!

—E' uma de eterna memoria! De maneira que, quem tivesse de escrever para o norte pelas participações que recebesse da côrte, ficava no ar.

—Eu não sei para que essas ninharias! Si os empregados não chegam para o serviço, augmente-se.

—Não, é mais razoavel que o publico, já acostumado a soffrer, carregue com isso mais.

—Capitão, é capaz de decifrar um enigma?

—Tal seja elle.

—Quando o exercito brasileiro entrou na capital do Paraguay, compraram se para os hospitães quatro mil e tantos colchões, alem dos que existiam; ha em Assumpção 677 doentes e não ha nem colchões nem lençoes para elles!

—Nada mais claro; si não existem, desapareceram.

—Ouça agora como passam ali nossos infelizes patricios:

«Estão passados ja tres mezes depois da occupação de Assumpção, e nossos infelizes soldados doentes e feridos estão ainda em grande numero pelo chão neste hospital, porque os leitos que existem abi são os dos paraguayos, que, sendo mui largos, occupam muito espaço nas enfermarias. Ainda mais, os leitos dos paraguayos estão ainda nús, como foram achados, sem colchões, sem lençoes, sem travesseiros. Nestes são deitados nossos doentes (ainda os de molestias mais graves, como pneumonias, dysenterias agudas), expostos ás rapidas mudanças de temperatura e aos incommodos desses leitos, que são feitos com uma rêde de couro cru, cujas tirinhas magoam e ferem o corpo dos doentes.»

—Entretanto ou ouço dizer a cada passo

que o estado sanitario do exercito é excellentel!

—E enquanto nossos desgraçados irmãos, derramando seu sangue naquellas inhospitas plagas, soffrem toda sorte de privações, meia duzia de espertalhões, verdadeiros sanguesugas do ouro brasileiro, enchem-se a faltar!... e ao passo que o soldado brasileiro, atirado a um canto de um hospital, se extorce nas vascas da agonia, esses aventureiros se banqueteam esplendidamente!

—Homem, esta guerra só foi propicia para alguns tratantes, que achando a mais escandalosa protecção, fizeram da causa de tantas calamidades uma mina para si e seus consocios.

—Agora mesmo estava eu lendo o seguinte, á respeito de um dos taes fornecedores, que é ao mesmo tempo correspondente do *Jornal do Commercio* e por isso tem tudo.

.....
«Durante a guerra da Criméa e a da Italia, fallou-se muito na concussão e roubo, li a esse respeito muitos escriptos; mas, asseguro-vos, si o governo de S. M. o Imperador nomeasse uma commissão de inquerito para examinar os escandalos que são aqui ordem do dia, essa commissão seria obrigada a fazer—revelações extraordinárias.—

A concussão tem logar aqui em tão larga escala! No tempo do grande rei—dizia Saint Simon—nada se fazia sem mulheres, ou sem a intriga: Aqui nada se faz sem a mais baixa adulaçãõ; todos os dias nasce novo sol, e novos adoradores.

O veado de ouro occupa o alto do quadro; e chama-se Lannuz, José Candido Gomes, Elizald.... e *tuti quanti* se pôde considerar inexpugnável em sua posição.

A elles pertence o ouro do Brasil, e tudo quanto pôde ser proveitoso.

Todos conhecem a influencia de José Candido Gomes; todos sabem ao que elle deve seu poder; e si, no exercito de Lopez, mandame Lunch faz e desfaz officiaes, o Sr. Comes, aqui, faz e desfaz contratos.

Essencialmente materialista, conhece o valor intrinseco do ouro, pelo que terá de enthesourar o mais que puder para poder um dia repousar sobre os louros dourados com o sangue de nossos bravos.

A guerra do Paraguay foi para este homem uma mina de Potozi, com a qual largamente tem-se locupletado; e si a guerra terminar amanha, vel-o-heis cahir a *plat*, mas não sem dinheiro.

Elle gosa aqui de um credito e influencia, que egualam ou excedem á do ministerio do Rio.

O general em chefe, o chefe do estado maior, o proprio Sr. Paranhos, são seus humildes creados, do que, ha tres dias, tive a prova, por occasião da adjudicação do fornecimento. Varios competidores estavam presentes, e entre elles o fornecedor—Brabo, sendo seu principal concorrente—os Srs. Molina e Comp.

Quando soube que este ultimo tinha enviado para aqui um dos seus intimos J. Victor Reis, não duvidei mais que Molina e Comp. fossem os felizes vencedores neste—*torneo*, de que as libras e schellings do Brasil são o premio.

Com effeito, não podia ser de outro modo.

Elizald, ex-ministro dos negocios estrangeiros da

Republica Argentina, andou como o representante de Gomes, não sabindo mais da casa do Paranhos.

E na vespera do dia em que o resultado das adjudicações devia ser conhecido, Molina eucommendará um banquete no hotel desta cidade para solemnizar tão bello dia.

O resultado era conhecido, e elles não o occultam.

Diz-se que Elizalde e Gomes tem 20 p.c. dos lucros neste negocio e isto sem despendere um vintem!

Felizes mortaes! A bolsa do Brasil é o seu paraizo.

Sabe-se, ha muito, que aqui existe uma estrada de ferro cujo material Lopez levou consigo: quereis saber a quem se encommeudou as locomotivos e waggões?

Ao Sr. Gomes! sempre ao Sr. Gomes!

Este senhor entende de tudo: hoje de rezes, amanha de cavallos, depois de amanha de vapores e fornecimentos; e finalmente de caminhos de ferro.

E' encyclopedico o Sr. Gomes, correspondente do *Jornal do Commercio*.

O SEGREDO.

O tempo tudo desvancece, tudo digire, tudo gasta, tudo acaba, e si elle se atreve a columnas de marmore quanto mais a corações de cera.

Assim se explicou o sabio padre Vieira, querendo provar nos seus eloquentes sermões que o tempo tem poder sobre tudo, principalmente sobre o que é feito pelos homens. Apenas algumas obras da natureza resistem ao poder do tempo; e como pois um segredo que se guarda na cabeça de uma fragil creatura pode durar ahí muito tempo seguro?

Alguns segredos se vão conservando por algum tempo á força de impostura, de disfarce e de illusao, mas la vem uma hora em que o segredo escorrega na ladeira da memoria, sahe pela locca da indiscripção e la cahe na praça da publicidade, e ahí temos o veu do mysterio roto e a figura do enigma descoberta para todos verem. Foi na verdade o segredo inventado pelos homens egoistas; os velhacos, os ambiçiosos, os homens amigos de vícios se acobertam com elle para esconderem seus maus costumes. O segredo é opposto á sinceridade do homem philantropo, é contrario ao preceito de Deus, que manda amarmos ao nosso semelhante como a nós mesmos. As mulheres nesta parte são mais generosas do que os homens. As creanças innocentes que são o emblema da pureza, e desinteresse, não guardam segredo. O segredo é um acto bom ou mau que se quer esconder; si é bom deve ser publicado para que a sociedade o imite, e si é mau tambem se deve declarar para que a lei o corrija. Ordinariamente o homem que forma segredo, é com intenções sinistras de lezar, de roubar, de inculcar-se sabio sem o ser etc., etc.

Infelizmente não vemos nesta epocha sinão segredos por todos os lados, as moças dizendo segredos uma ás outras nos bailes, cuxixando ao pé do ouvido. Os negociantes nas esquinas das ruas resmungando segredos, occultando o preço e noticias do assucar, para ninguem se prevenir. Outros fazendo compras e vendas em segredo para não pagarem a siza toda e mais tributos correspondentes, á nação. Um rapaz pede uma moça em casamento prepara-se, e faz tudo em segredo, já por cautella, prevendo que pode se arrepende e pregar-lhe a taboca, e então não quer que hajam testemunhas, para o obrigarem a casar. O francez charlatão, e cavalheiro de industria, mistura cebo com pó de tijolo, e diz que é uma excellente pomada para fazer nascer cabello, e para tudo quanto é bom, lacra o boião, e não diz de que é feita para não se descobrir o segredo, que vem a ser enganar aos tolios para chupar dinheiro.

E' segredo vender um vidrinho de agua simples e

dizer ao doento que não choiro para assustal-o, o fazer a patranha mais enigmatica.

Outro segredo muito escondido, o que ninguom atina com elle é do certos expregados publicos que, ganhando quatrocentos, ou quinhentos mil reis, som mais renda alguma, dão bailes de gastar um conto de reis, jogam continuamente em grandes rodas, e trazem as mulheres cheias de brilhantes. Quem for bom adivinhador, batendo na testa, hade saber em que consiste este segredo. Tambem é um segredo da natureza saber-se como é que certos paes tem filhos tão diferentes em tudo a si.

Arre com tanto segredo!!! E dizem quo estamos no seculo das luzes, nego, porque na claridade não é que so fabricam os segredos: razão tem muitas pessoas prevenidas, que neste tempo duvidam de tudo quanto envolve segredo, pois, vulgarmente, quantos mais segredos tem o negocio no principio, tantas velhacadas apparecem no fim. E por conseguinte, opposto como somos á tal magica da vida íntitulada--segredo--vamos fallar claramente aos nossos dignos assignantes. e descobrir-lhes um segredo que talvez até agora ignorem. O segredo todo d'esta folha está no pagamento dos dez tustões da assignatura, e por isso, no momento em que deixarem de pagar, levantaremos a cesta. Escutem bem e decorem este segredo para se lembrarem quando for dia do pagamento.

Não mettam isto á chalaça,

Porque o tempo se passa.

Tenham saude e muita alegria

Mas pagando sempre em dia.

P. S.---Esperem lá, senhores leitores, que ainda me esqueceu um segredo muito importante para VV. SS. aprenderem. Como é que certos homens que ha quatro ou seis annos vimos miseraveis sem nada de seu, e sem terem herdado, e nem tirado sorte grande, estão ricos? Pois foi uzando de uma receitinha muito facil, que descobriram. Alargando a cara, e augmentando as unhas das mãos,

N.B. Isto não é com VV. SS., que são todos homens de bem, ao mence quando pagem.

A PEDIDO

ATENÇÃO.

O abaixo assignado, pergunta ao Mamede poeta sem estro, que fim deu ao dinheiro que agenciou do poema—*Amores sem espinhos*— com o fim de mandar celebrar uma missa por alma do auctor?

Ao mesmo tempo, lembra-lhe que não dê descaminho, como deu no dinheiro que a tia do Passos mandou entregar á certa pessoa; ao depois não negue que é irmão do *Vasconcellos*.

O Christi Niano.

Roga-se a certo alferes da guarda nacional, que, em dezembro de 1868, recebera de uma senhora moradora á rua dos Ossos uma pulseira para concertar, sem que até o presente tenha entregado, usando de desculpas frivolas, que mande ou leve a pulseira no praso de oito dias, si não quizer ver o seu nome estampado neste jornal.

—Capitão, aqui está este bandalho, que quer campar de gallo entre frangos e fazer de um ilheu o seu terreiro.

E como quer parecer gallo do cathogoria, fez seu pulcero n'um pé de pereira.

—Mas a que diabo de raça poderá pertencer este maldieto?

—A ethiope.

E assim mesmo note que ha bajuladores que pretendem fazer echo no povo querendo que o tal casmurro, refinado tratante, seja um dos caracteres mais honrados e influentes das ilhas pequenas.

—Presumpção e agoa benta, cada um pode tomar como quizer.

—V. Ex. sabe que não ha carta sem resposta.

—Sim, é verdade.

—Por conseguinte, bem pode avaliar que de qualquer sorte se presta serviço a este ou aquelle, com o fim de angariar mais um pouco de sôpa ao prato.

—Pelo que vejo, quer V. dizer que o defensor do homem é capaxo.

—V. Ex. é quem o diz.

Pergunto a V. Ex. o que pode dar quem nada tem?

—Nada.

—O que pode um irmão desnaturado e devasso dar a outro de equal indole?

—Maldades.

—Por isso que é defendido por gente de sua geração.

—Então o homem pertence á geração dos endiabrados?

—Pois V. Ex. não vê que aquella neijenta diatribe não pode sair sinão de miseraveis eguaes?ao tal safado?

—Bajulação, servilismo.

—Capitão, tenho de apresentar cousinbas novas.

—Com tanto que principie já e já.

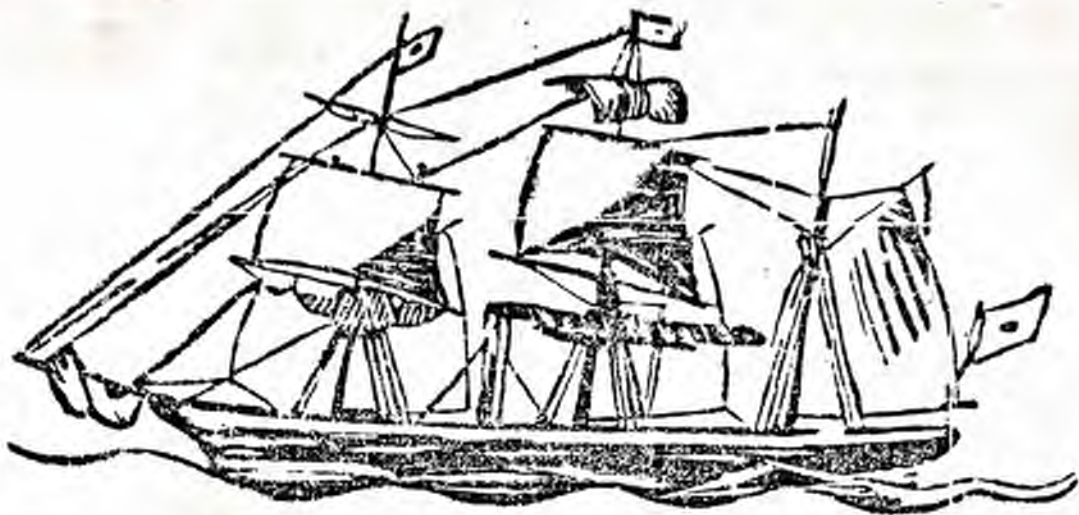
—Então aqui offereço ao caturra judeu, defensor do tal capitão, para resolver este ponto: si é verdade ou não que, em algum tempo, appareceu uma queixa do diversos negociantes desta importante villa contra o seu defendido e outros, por negocios cuja terça parte bastariam para dar accesso a qualquer homem no rol dos salteadores?

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 29.ª folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

Desappareceu da loja n. 81 ás Portas do Carmo, uma caxorrinha do reino; acode pelo nome de *Negrinha*; acha-so parida. Recom-pensa-se a quem a levar ao logar annunciado ou á venda immediata, quina do Terreiro ou á venda esquina do Brocô para a Barroquinha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

24 DE ABRIL DE 1869.

N. 496.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
23 de abril de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Tendo o governo provincial, na presidencia do finado Dr. Tiberio, mandado vir da Europa materiaes para serem assentadas cloacas publicas em diversos logares da cidade, dispendendo com isso os cofres publicos quantia maior a 20:000.000 rs., cujos materiaes nunca foram tirados d'alfandega, até a chegada do novo inspector, que, consta, os mandara para o arsenal de marinha, onde existem se estragando e perdendo, e como os dinheiros publicos, arrancados ao povo por meio de vexatorios impostos, não devem ser assim desperdiçados, pede-se a S. Ex. que tome uma resolução qualquer á respeito das mencionadas cloacas, de maneira que não venha a provincia a gastar mais aquella enorme quantia inutilmente.

—Raptos e mais raptos!

—Mais algum?

—Oral!

Na madrugada de 21, o subdelegado dos Mares cercou a casa do escrivão da mesma subdelegacia, o Sr. Sobral, para tirar a menor de 14 annos Izabel Francisca de Queiroz. filha do Queiroz, morador no Engenho da

Conceição, que foi raptada por Salvador Borges de Barros, e para ali conduzida.

—E achou-os?

—Que duvida! Estavam ainda deitados.

—Para um serventuario publico é muito lisonjeiro isso em sua casa.

—O tal Sr. Salvador, dizem, já é affeito a estas boas graças. Com esta fazem cinco, as moças por elle seduzidas e arrancadas do lar paterno.

—Bom! pode tirar seu diploma de seductor-mór!

—O capitão do vapor *S. Francisco*, que veio na segunda-feira de Santo Amaro, si havia de procurar o centro do rio Sergimirim, aceitou um conselho que lhe deu o caixeiro do engenho *Partido*, e dirigiu o vapor pela margem do rio, mettendo a proa sobre a terra; para safal-o, foi preciso amarrar um cabo a que chamam *espia*, passar os marinheiros para o outro lado do rio, assim de pucharem o bicho de dentro da terra.

Nesta operação levaram uma hora.

—Mas o que quer, si o capitão vae aceitar conselhos de quem não tem pratica do rio?

—E elle, aceitando esse conselho, tornou-se mais ignorante do que quem o aconselhou.

—Que duvida!

E os passageiros foram os prejudicados, porque ficaram ali massados até que safassem o *cavallo do mar* de dentro da terra!

—Que remedio tinham elles?

- Ora, muito bem! E' o que faltava!
 —O que é?
 —A politica introduzida nas calçadas.
 —V. quer brincar.
 —Quando eu fallò serio, é serio.
 —Como agora...
 —Sim, senhor.

Não vê V. quando entra um presidente novo, desfazer o que seu antecessor fez?

- E' exacto.
 —Pois é o que se dá actualmente com a calçada da ladeira do Caminho Novo, ao Taboão. Depois de prompta vae se desmanchar para fazer de novo.
 —Com que fim, homem?
 —Dizem que para rebaixal-a.
 —Ah, rebaixada ficará a *hera* dos cofres n'algibeira de algum feliz.

—Este Sr. subdelegado de Brotas é cassador!

—Que moço! Graceja até com seus superiores!

—Informando ao Sr. Dr. chefe de policia sobre um facto occorrido na sua subdelegacia, principia logo dizendo que «provavelmente te algum desafeitado do major Joaquim Pereira de Carvalho quiz expol-o á odiosidade publica, invertendo e commentando a seu bel-prazer aquella occurrencia, que *nada teve de extraordinaria*.....»

—Irral! uma mulher puchada á cabresto, pelo pescoço, em uma estrada publica, com o sol alto, nada tem de extraordinario, na opinião do Sr. Bahia, subdelegado de Brotas!

—Começa emittindo seu juizo, quando o chefe de policia não lh'o pediu; deixa o seu papel de authoridade informante para insinuar á respeito sua opinião e depois continúa:

«O major Joaquim Pereira de Carvalho, vendo que outro meio não tinha para conseguir que a escrava, parda, de nome Ignez deixasse de fugir, como por muitas vezes tem praticado, deitou-lhe uma cruz.....»

—Authorisado por quem? Por V. S., Sr. subdelegado?

—«..... na supposição de que ella receiasse expor-se á ser vista d'aquella maneira; não obstante, ella, na tarde de 31 de março proximo passado, fugiu.»

«No dia 1.º do corrente, tendo elle noticia de que ella estava em casa de Jorge Thomaz d'Aquino, morador no alto da ladeira da Boa Vista, para ahi se dirigiu e recebendo-a, fez seguir sem maltractal-a...»

—Diz o Sr. subdelegado, está dito.

—«..... indo elle atraz em uma mula. Já talvez em meio caminho, receiando, que ella se evadisse por algum dos lados da estrada.....»

—Que ingenuidade do Sr. Bahia!.....
 Admittir a possibilidade de que uma escrava a pé; podesse correr mais do que seu senhor á cavallo!...

Esta, é mesmo de eachupeleta!

—Veja o melhor:

«..... enfiou o mangoal no aro e assim continuou, não a trote, como diz o periodico e nem era possivel.....»

—Como soube o Sr. subdelegado desta minuciosidade?

Viu? e, si viu e consentiu, diga S. S. mesmo que classificação merece como authoridade.

—Na verdade affirmam-nos que houve inexactidão nesta parte; a infeliz não foi puchada a trote e sim á *passo picado*.

—Entretanto o Sr. subdelegado assevera que o facto se deu. Só escapou uma cousa á sua perspicacia: uma ponta do mangoal foi amarrada á cruz no pescoço da escrava, e a outra? O senhor continuou a seguir como ia, atraz della?

—Ora bem bello!

—Ouça mais:

«Ora, sendo ella incorrigivel, e de indole tal que apezar daquelle meio empregado, ainda quiz continuar no vicio de fugir, foi, no mesmo dia 14 do corrente, em que V. S. officiou-me, remettida para o Rio de Janeiro.»

—Que coincidencia!

—Supposto que os boceorios digam que foi dous dias depois.

—Veja o final;

«Eis portanto o que me consta e incluso achará V. S. os autos de pergunta feitos ao referido Jorge Thomaz d'Aquino e á Germano, que já era conhecido della; e quem a levou a casa d'aquelle Jorge.....»

—Porque interrogou somente a estes dous, quando dizem que immensidade de gente presenciou?

—«..... por onde se conhece que a informação dada aos redactores do *Alabama* não foi exacta.»

—Pois não, coração!

—Attenda ainda.

«Quanto á ultima parte do officio de V. S., fica respondido com o que se acha exposto, salvo si V. S. exige que toda e qualquer occurrencia.....»

«Isto agora é um *quinau* no chefe de policia.»

—«..... por pequena que seja:.....»

—Na verdade, Sr. Bahia, um facto da gravidade deste, praticado por um collega, não vale a pena que a authoridade superior tenha conhecimento delle.... é uma ninharia.

—«..... deva ser levado ao conhecimento

de V. S., sobre o que passo a consultar aguardando de V. S. solução para meu governo, etc. etc.,»

—Mas onde está a inexactidão?

Ora ha gente que quer por força que os mais comam araras!

—Si eu me encontrasse com o Sr. Bahia, havia de lhe dizer que, mesmo antes de publicado o seu officio, já andavam a dizer que o seu auto de perguntas era feito com tal *geito* que o resultado seria provavelmente o que foi;

Que o guarda Jorge teve *conveniencia* para depor em juizo o contrario daquillo que antes contava a muita gente;

E que muita cousa não se escreveu, porque o escrivão foi coagido a isso.

—São cousas que eu não acredito, e antes repillo como indignas do caracter de uma authoridade do quilate do Sr. Bahia.

—Mas ha linguas tão maliciosas.....

—Em todo caso, seria bom saber do Sr. Dr. chefe de policia si o Sr. major Joaquim Pereira de Carvalho continúa a ser 1º sup-
plente de subdelegado da freguezia de Brotas.

Â PEDIDO

—Ora, alferes, pois isto tem termos?

—O que houve?

—V., um homem condecorado, a fazer este mal á pobre *Vicencinha!*

—Qual foi o mal?

—A *feijoadá* que V. deu-lhe a comer, que a poz de *barriga enchada*, a ponto della envergonhar-se e fugir de casa; e até dizem que foi para uma casa de seu dominio. Acho bom que repare o damno causado á pobre rapariga.

—Eu dei-lhe nenhuma *feijoadá* á ella para comer.

—Então, si não foi V., foi seu irmão; ou seu cunhado.

—Qual meu irmão, nem meu cunhado!

—O tio *Pedro* assim me asseverou.

—Isto são artes do *Joaquim*, elle é quem anda espalhando estes boatos falsos.

—Mas o *Andrade* affirma que é V. o author de semelhante obra.

—Não me traga esse homem, que é um cynico muito grande.

—E V. um reverendissimo seductor.

—Temos conversado, meu charo.

Quem é pobre não tem vicios,
Quem é rico tem sobrado;
Quem quer ser rico e não paga
Certamente está quebrado.

Quem é pobre vive triste,
Quem é rico é festejado,
Quem vae perdendo o que tem,
Fica logo desprezado.

Quem foi pobre e ficou rico
É um soberbo damnado,
Esquece logo o que foi,
Não se lembra do passado:

Assim somente este mundo,
Por dinheiro é governado,
Seja um cão cheio de lepra,
Tendo dinheiro, é prezado!

NOVIDADE SEM EXEMPLO NA RUA DIREITA DE PALACIO.

Raro é o dia ou noite em que não seja a visinhança incommodada por grandes alaridos e desesperada gritaria, até a porta da rua; com palavras indecentes e envolvendo o nome de diversas pessoas em tão ridiculos quanto indignos actos praticados por uma senhora que, não é criança e mãe de familia; taes actos fazem nojo a quem os presencia, quanto mais ao pobre, bonanchão, e laborioso marido, que vive no seu aturado trabalho, vindo em casa a procurar a refeição e sendo recebido com taes gritarias e insultos.

É insupportavel aturar-se gente mal creada e de genio tão damnado.

Um espectador.

—O que é isso, rapaz?

—Não é nada, capitão, é um safado que trago á presença de V. Exa.

—O que fez este tratante?

—Acaba de praticar uma ladroeira, com o director de certa repartição.

—Mas que ladroeira foi?

—Eu-lhe conto, capitão: Achande-se o filho do director doente, este bandalho e velhaco mor intrometeu-se na casa do homem, fazendo as maiores adulações e baixezas, com vistas somente de fazer alguma tranpolinice. O director, julgando que aquillo era por lhe ter elle promettido dar um bom logar em uma secretaria e de lhe ter pago alguns mezes de casa; de que era fiador, ficou muito satisfeito com o tal canalha, a ponto de dar-lhe almoço, jantar e ceia, e mandar dinheiro para a mulher do tratante.

—Abrevie a sua historia, que é massante.

—Tenha paciencia, capitão.

Aconteceu porem que, dias depois, morreu o filho do director e o patife, descarado, pediu, chorou para que o encarregassem do enterro, pois desejava apresentar um bom funeral. O director, agradecido de receber tantas provas de dedicação, que julgava sinceras,

concedeu que elle se encarregasse das exequias, marcando-lhe, porem, a quantia de 600\$000 rs.

—Nada disto adianta.

—Ouça capitão.

O objecto cousa ruim, logo que foi encarregado, correu muito contente e foi á casa de um compadre, dizendo que elle fizesse o enterro com tanto que lhe desse 100\$ rs., pois que destas felicidades poucas vezes lhe appareciam.

—E o compadre não fez o enterro?

—Fez, capitão, porem foi uma grandissima porcaria.

—Pois bem, leve-o para bordo, entregue-o ao *Guilherme*, ou ao *Caldas*, e diga-lhes que mettam este safado ratoneiro em ferros até amanhã, que la irei ajustar contas.

—Vou já, capitão, obedecer-lhe.

SONETO.

Quem pode, Osorio, marear-te as glorias?!

Nos campos da batalha denodado,
No meio do troar d'artilharia,
Um vulto grandioso desprendia
Aure-verde pendão abençoado.

Quem era esse gigante assim falado,
Que a patria tão valente defendia?
Quem era que a coragem repartia
Transformando em leão cada soldado?

Era elle!—eil-o alli, nobre guerreiro,
Filho dilecto da immortal victoria
Por todos proclamado heroe primeiro.

E' elle — cujo nome em patria historia
Honrará o imperio brasileiro!
Quem pode, Osorio, marear-te as glorias?!

Srs. redactores do *Alabama*.—Como foram Vv., que, de publico, por meio de uma noticia impressa no n. 494 de seu periodico, fizeram chegar ao meu conhecimento o facto de ter sido raptada, de casa do coronel Galathea, a menor Lydia por Candido Henriques de Mattos, não morador em um quartinho por baixo da propriedade em que moro, porem meu creado, famulo da minha casa, o que julgava eu que era sabido por Vv., agradecendo-lhes o favor d'essa noticia, julgo conveniente comunicar-lhes (porque entendo que Vv. que deram noticia do crime tambem devem estimar noticiar que elle se acha legalmente reparado) que, homem da lei, do numero, como sou, d'aquelles que para respeit-a e cumprir-a não precisam das censuras publicas e menos da intervenção da authoridade, logo que li o periodico acima referido, de accordo com o subdelegado em exercicio, Dr. Altino Rodrigues Pimenta, fiz comparecer na subde-

legacia o dito meu creado, e ahi, depois de syndicar-se precisamente do facto, foi pelo offensor e a offendida contractado o casamento, que effectuou-se hontem mesmo ás sete e meia da noite, achando-se ambos em casa de minha residencia.

Sou

De Vv., etc.,

Fortunato A. de Freitas.

S. c. 21 de abril de 1869.

—O Dr. *Piroca Leão Vellado*, conversava com o Dr. *Piroca Caetaninho*, sobre politica. O Dr. *Vellado* estava montado, e vae se despedindo do Dr. *Caetaninho*, dizendo:

—« V. é que está bem, meu amigo, vá aproveitando isto.»

A estas palavras vá aproveitando isto, o cavallo foi soltando uma descarga de *buffas*.

Eu que onvi o cavallo dar a descarga de *buffas*, fiquei em duvida o que era que elle mandava o Dr. *Caetaninho* aproveitar.

—V. é um bellas!

Está provado que era a fatia de pão-de-ló que lhe está dando o partido.

—E as *buffas* que deu o cavallo, tambem seria para elle?

—Varro... varro!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 30.^a folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Precisa-se de uma ama que saiba cosinhar e gomar perfeitamente, a tratar-se na rua dos Caldeireiros, defronte do 2.^o Gomes, casa n.^o 35.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

A RUA DAS LARANJEIRAS N. 128.

Aulas que se acham abertas e Professores.

Instrucção Primaria—Antonio Pinto de Sousa Filho.

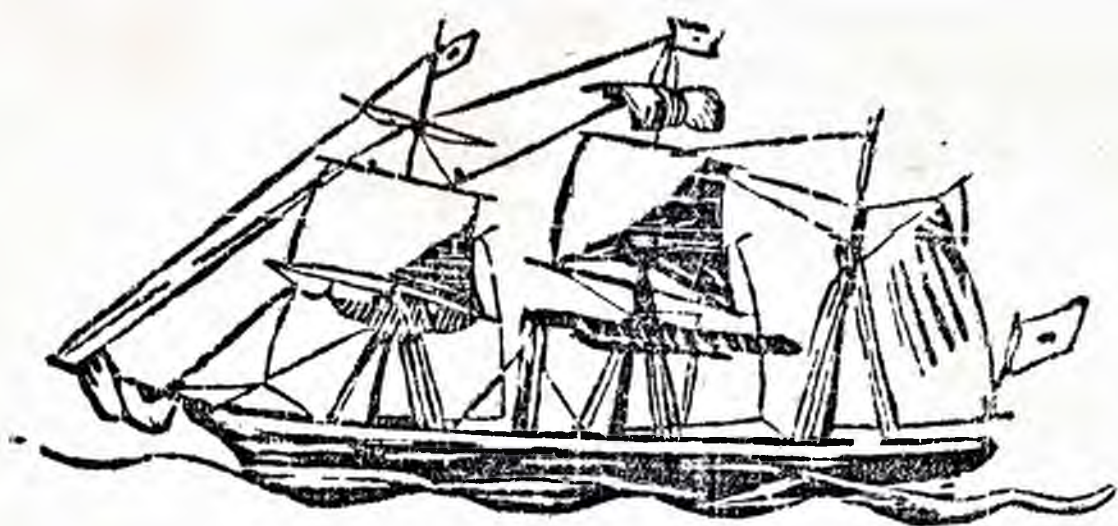
Latim e francez—José Pulcherio Pereira Lago.

Arithmetica e Escripuração mercantil—O director.

Dansa—Honorato José Barbosa Brasil.

O director.—*F. A. de Freitas.*

Desappareceu da loja n. 81 ás Portas do Carmo, uma caxorrinha do reino; acode pelo nome de *Negrinha*; acha-se parida. Recompensa-se a quem a levar ao lugar annuciado ou á venda immediata, quina do Terreiro ou á venda esquina do Brocô para a Barroquinha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

28 DE ABRIL DE 1869.

N. 497.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, com municando-lhe que, por quatro ou cinco vezes, tem sido visto á noite, tarde, um individuo descer de um sobrado pelo lampeão do gaz, ás Portas do Carmo, e entrar em uma loja na mesma rua. Ha quem diga que o referido individuo é um famulo da casa do Sr. Dr. Reis de nome Argemiro; na ignorancia, porém, da intenção que o induz a assim praticar, levase ao conhecimento de S. S. para que tome medidas preventivas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, transmittindo-lhe a communicacão que nos fazem, de que ha algumas noites postam-se dous vultos na ladeira da Soledade, á entrada da estrada que segue para a Quinta, deixando infundir suspeitas pela hora adiantada em que se apresentam; e como pode muito bem ser que algum desigmo sinistro os conduza ali, pede-se a S. S. que requisi-te a presença de uma patrulha de policia naquelle logar, o que espera-se.

—Muito poder tem a superstição e ignorancia!

—Ha alguma cousa?

—Um uso estúpido e grosseiro, um aleive ás almas dos mortos, um testemunho falso ás cinzas dos finados.

—Homem, explique logo que lenga-lenga é essa.

—As vendedeiras de peixe na Preguiça encasquetaram-se de que as almas das companheiras fallecidas andavam atrazando-lhes o seu commercio e porisso reuniram-se hontem, 26, mandaram celebrar 12 missas, alugaram um armazem em Santa Barbara e ahi fizeram um *serviço* extraordinario, onde ferveu o *tabaque* até 6 horas, para afugentar as almas que não são mais deste mundo, e não virem atrapalhar-as!

Pode haver nada mais grosseiro e ridiculo?

—É um legado da maldicta importação de africanos, que ficou bem arraigado na população menos instruida.

—E quem tem obrigação de combatel-o fecha os olhos!

—Mas que quer? Os apostolos do catholicismo so se sentam na cadeira evangelica quando lhe pagam algum sermão.

—Está direito! Nega-se sepultura ao general Abreu e Lima em logar sagrado por futeis discordancias em materia religiosa e consente-se em Santa Barbara um *vudum* de africanos para enxotar as almas do outro mundo!

—Ha epidemia na terra?

—Vá agourar o diabo.

—Mas o que quer dizer isso? Tres padielas a conduzir enfermos?

—São marinheiros do vapor de guerra italiano *Guiscard* que estão adoecendo aos punhados.

Na sexta feira entrou um para o hospital e falleceu immediatamente, e hoje sabbado adoeceram tres que vão ali.

—Homem, em todo caso; diz o adagio, que cautella e caldo de gallinha nunca fez mal a ninguem.

—Eu tambem sou de sua opinião e até digo que em outra parte ja a policia sanitaria andaria as voltas com o tal vapor.

—Mas aqui que é a terra das facilidades, deixa-se tudo ao accaso.

—No domingo, ás 9 horas da manhan, partiu desta cidade para Cahahiba o vapor *S. Francisco*, levando a seu bordo a philarmónica Campesina, diversos cavalheiros e algumas senhoras, que foram visitar o Exm. Sr. visconde de Itaparica.

O vapor largou da ponte da companhia Bahiana todo embandeirado e ao som do hymno nacional e de diversos vivas ao Exm. visconde de Itaparica.

No meio da viagem, o capitão do vapor mandou deitar um almoço, e neste almoço, que durou até quasi ao chegar a Cahahiba, levantou-se diversos brindes ao Exm. visconde de Itaparica, a seu Exm. pae, o barão da Cahahiba, e á sublime ideia da philarmónica Campesina.

Quando o vapor aproximou-se do engenho Cahahiba, percebeu-se que de lá abanavam de lenços para o vapor. Ahí o capitão Fausto arregimentou as senhoras e os cavalheiros, e estes corresponderam tambem abanando de lenços e dando enthusiasticos vivas a S. Ex. o Sr. marechal visconde de Itaparica e a seu Exm. pae, tocando de novo a philarmónica o hymno nacional.

Logo que o vapor arreou ferro; deu um tiro, e a este signal diversas canoas do engenho vieram receber os visitantes.

As janellas da casa do Sr. barão da Cahahiba estavam todas cheias de colchas.

Quando os visitantes saltaram em terra, a philarmónica tocou uma escolhida peça do seu repertorio musical, e subiram.

Todas as salas estavam decentemente ornadas!

S. Ex. o Sr. marechal visconde de Itaparica, não obstante ter naquelle momento extrahido um pedaço de osso da perna, veio receber os visitantes, e os abraçou, á cada um de per si.

Ao entrar da casa, havia uma meza com diferentes bebidas, na qual obsequiaram-se todos os visitantes.

Depois S. Ex. o Sr. visconde de Itaparica dirigiu-se á uma sala central e ahí houveram diferentes discursos, sendo acompanhados de freneticos vivas, e á todos elles agradeceu o Exm. marechal.

Foi recitado pelo filho do ex-porteiro d'assembléa provincial o Sr. Baraúna, e por elle offerecida ao Exm. visconde de Itaparica, a seguinte poesia:

«A esta festa pompoza
Não é tarde, venho ainda,
A espada gloriosa
A' patria seja bemvinda,
Receba do coração
Minha humilde saudação.

Si um Alexandre famozo
Teve a Macedonia outr'ora,
Um não menos glorioso
O Brazil possui agora;
De seus feitos a memoria
E o luzeiro da historia.

Sou filho de um veterano
Soldado da Independencia,
Sinto no peito Bahiano
Uma doce effervescencia
Quando ouço contar, Senhor,
Feitos de vosso valor.

Quizera não ser menino.
Para seguir vosso exemplo,
E cheio de vosso tino
Subir da memoria ao templo,
Onde se acha gravado
De Argollo o nome adorado.

Faltam-me os annos, porem
A' vista de taes acções,
Eu sinto inveja tambem;
Rendo as minhas oblações,
E peço a Deus um favor:
—Vossa saúde, Senhor.»

Numerosas canoas do engenho, e algumas de aluguel, levaram parte dos visitantes á villa de S. Francisco, e estes percorreram as ruas dando ainda vivas a S. o Ex. Sr. visconde de Itaparica e á familia Argollo.

Voltando estes, foram obsequiados com uma esplendida meza, que apresentou S. Ex. o Sr. Barão da Cahahiba.

Foram levantados nesta meza enthusiasticos brindes a S. Ex. o Sr. visconde de Itaparica, ao seu Exm. pae, ao coronel Carvalho, ao capitão Fausto, ao capitão do vapor *S. Francisco* e a outras muitas pessoas.

Convém aqui acrescentar que não foram só os bahianos, nem os brasileiros que tomaram parte nesta festa, e sim tambem diversos subditos da nação britanica, que lá se acharam.

Ás 5 horas da tarde regressava o vapor

para a cidade, debaixo do mesmo regosijso, vindo todos os visitantes bastante satisfeitos, pela maneira porque foram tratados por S. Ex. o Sr. barão da Cahahiba, por seu filho o Exm. marechal visconde de Itaparica e por toda sua Exma. familia.

—A companhia do olho vivo nesta terra é inconquistavel!

—Não ha força que a faça conter.

—E' de justiça dizer que a policia ultimamente tem se mostrado rigorosa com os escamoteadores, mas elles zombam constantemente da acção policial.

—E o que pode fazer a policia montada como é, sem pessoal, sem organisação, e sendo os poucos agentes que possui irmãos confrades da companhia? Eu reconheço a boa vontade do chefe, mas sei que, com os meios de que dispõe, seus esforços são impotentes para refrear semelhante casta.

—E o publico continua a soffrer os golpes de tão damnada gente!

—Está que agora mesmo acabam de me informar que ha poucos dias achava se fundeado um barco no Porto do Bomfim; a companhia teve sciencia de que o mestre trazia dinheiro, e immediatamente enviou para lá um tal Torquato em missão rapinatica.

Torquato apresentou-se a bordo, empregou os meios, empalmou uns 400\$ rs. do incanto maritimo e adeus Marilia que eu parto.

—E *beatus est* quem possui, quem tem na mão é seu dono.

Á PEDIDO

Lê-se na *Opinião Liberal*:

« O SR. CONDE D'EU.

O Sr. conde d'Eu parte nestes poucos dias para o Paraguay a assumir o commando em chefe das forças brasileiras, e porventura das aliadas tambem.

Ainda não ha um anno que--altas razões de estado, ---segundo declarou o governo no «Diario Official», impediram que S. A. lá fosse nos campos de batalha dar expansao ao seu genio marcial, apparentando-se em virtude disso fingidas desintelligencias palacianas.

Actualmente, porem, desapareceram as--altas conveniencias do estado--ou talvez «novas conveniencias do estado» enviam o futuro imperador do Brasil ao Paraguay, quando, aliás, na autorisada opinião do Sr. «duque» de Caxias, não ha a fazer ahí senão o officio de capitão de matto; isto é, o de pegar pretos fugidos.

Não cremos que o herdeiro da corôa do Brasil se destine a tal mister. O que vae, pois, realmente fazer o principe consorte ás republicas do Prata?

--Ceifar louros, crear reputação marcial, conquistar glorias aniquilando Lopez, dir-vos-hão os bem-aventurados.

Pois assim seja. Mas isto lembra-nos um «certo rei», que mettendo-se-lhe na cabeça crear reputação de bom atirador, como depois a de guerreiro, foi caçar veados na «chacara» de um seu subdito; e como as --conveniencias do estado--exigiam que a reputação

do bom rei ficasse bem firmada e não perdesse elle a sua viagem, amarraram nas arvores um veado para o rei fuzilal-o no meio dos estrondosos applausos e da tempestade de exclamações, admirações e onthusiasticos elogios da sua côrte. Dada por amarrada a victima, o rei leva a espingarda á cara e faz pontaria: os cortezãos ficam alertas e boqui-abertos como cães perdigueiros, em attitude de bater as palmas, cada um com uma torrente de admirações a romper-lhez dos labios; o rei atira...

Mas, oh, decepção! A bala, em vez de matar o veado, quebrou a corda que o prendia á arvore, e o animal, refractario ás regras da etiquêta, volveu a pastar livremente na sua chacara!

A pericia venatoria do rei ficou desde então friamente litigiosa; mas no que afinal todos concordam é em que S. M. procede com desaso em todas as emprezas.

A S. A., porem, que anda todo dia a mirar o alvo, não acontecerá por certo perder a caçada.

Vá, pois, o successor do Sr. D. Pedro II ver e estudar pessoalmente os dominios platinos, vá fundar a sua clientella no exercito, vá finalmente colher montões de glorias e proveitos para... o Brasil, não esquecendo que o bom atirador «atira ao que vê e mata o não vê.»

—Capitão, quero contar-lhe uma historia.

—De historias estou bem cheio.

Os conservadores contaram tantas historias ao povo, quando queriam galgar o poder, por fim galgaram e tudo mais ficou sendo historias!

—Neste caso, ja sei que não me quer ouvir, e portanto retiro-me.

—Não. Sente-se e conte.

—Ouça:

«Um barão apaixonou-se por uma moça na cidade de.... e por fim raptou-a de casa de seus paes. A moça era linda como os amores!»

Cor alva, cabellos pretos, olhos acastanhados, mãos delicadas e macias, um collo bem feito, pés pequenos, braços torneados, enfim bella no todo da expressão!

O barão julgou encontrar n'aquella *Sinhassinha* mais afagos amorosos do que em sua chara metade.

A moça foi levada para habitar nas terras do engenho do barão. Fatalidade! o homem foi ainda infeliz!...

Não durou muito tempo sem que a amante do barão não se apaixonasse por um *cabra*, escravo do engenho, á quem mimoseava com saborosos petiscos, por intermedio das pretas parceiras do mesmo; mas não sei qual o *mercurio*, qual o dedo diabolico, que foi metter nos ouvidos do feitor os amores de *Sinhassinha* com o *cabra*, resultando que áquelle prohibisse ás pretas que de irem *cannavial* levarem comida a este, sob pena de ser castigada a que a isso se atrevesse.

Indo o barão ao engenho, o feitor contou-lhe os amores que tinha sua amante pelo *cabra*. O barão enfureceu-se, rangeu os dentes, espumou, como um cão damnado, regalou

os olhos, por fim mandou chamar o cabra a sua presença e interrogou-o!...

Depois de interrogado o desgraçado e infeliz escravo, o barão mandou surral-o e mettel-o n'um tronco, dando-lhe que comer de vinte em vinte e quatro horas!

Dias depois deste cruel, castigo o miserando escravo estava em cima de uma cama, e sua alma parecia querer separar-se do corpo que havia sido tão barbaramente martyrisado!!»

—E morren o infeliz?

—E' o que não lhe sei contar, Exm. Sr.

—O desventurado escravo foi atrevido por se ter apaixonado pela amante de seu senhor!

Mas este caso, que o Sr. me veio contar, é um desses casos revoltantes como os que costumam praticar esses senhores de engenho ali pelo centro.

—E' uma historia, capitão, como qualquer outra, como mesmo as que os conservadores contavam ao povo antes de galgarem o poder.

—Exijo saber como se chamava esse barão, quem era elle?

—Com exigencias é que eu não vou nada.

—Diga-me sempre o nome do barão que praticou tão execrando e atroz crime!

—Ja disse-lhe que é uma historia.

—Olhe que mando deitar-lhe os machos aos pés, até que m'o diga!

—V. Ex. está louco.

—Louco... louco, eu?

—Pois quer que lhe diga o nome do barão em um caso inverosimil, como o que acabo de contar-lhe.

—Isto não é inverosimilhante, é realidade!...

—Pois então cumpre á sua policia secreta descobrir.

—Tem razão. Retire-se, que quero dar as minhas ordens.

—Valha-me o *santo da ventania!*

Olhe que este capitão* tem o que se lhe diga!

Manuel Joaquim de Oliveira Baptista declara que encarregou-se unicamente da armação e cêra para o enterro do tenente Felizardo da Silva Paranhos, filho do Sr. tenente-coronel Thomaz da Silva Paranhos, assim como, que ainda não apresentou conta desse trabalho.

Roga-se a attenção da camara municipal e do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o grande risco que ameaça o sobrado ao Porto do Bomfim, principiado ha muitos annos pelo fallecido porteiro do tribunal da Relação Manuel Pedro da Silva, e nunca acabado, o

qual, não tendo sido coberto, tem se damnicado por tal forma, que uma das paredes lateraes está desaprumada, e não resistirá á presente estação invernososa. Providenciando-se, evita-se não só a perda da vida de algumas pessoas moradoras d'ahi (rua das Princezas) e outras que ahi costumam sentar-se, como o estrago das propriedades visinhas.

Ao Sr. que recebeu, na Lapinha, por minha ordem, 57120, em mão dos Srs. Serapião e Theotônio, rogo o favor de vir ou mandar trazer-m'os; si não quer ver seu nome neste periodico. Aviso-lhe por sermos amigos. Bahia 26 de abril de 1869.—*Severiano Pereira de Mello,*

VARIEDADES

O VERDÁDEIRO CAMINHO DA PRISÃO.

Perguntando um aldeão pelo caminho de Newgate (prisão de Londres,) um gaiato que o ouviu, offereceu-se para ensinar-lhe.

—Atravessae o rego, disse-lhe, entrae na loja do ourives—fronteiro, pegae em dous copos de prata, abalae com elles, e daqui a dous minutos estareis em Newgate.

UM VOTANTE.

Em uma eleição muito pleiteada, compareceu um votante, cuja figura era um tanto ridicula, por isso um dos mesarios, querendo vêr si o excluia de votar, perguntou-lhe:

—Como foi que o Sr. veio votar?

—Eu vim andando, respondeu o votante.

—Do que vive o Sr.?

—Do que como.

—Ponha a chapa na urna.

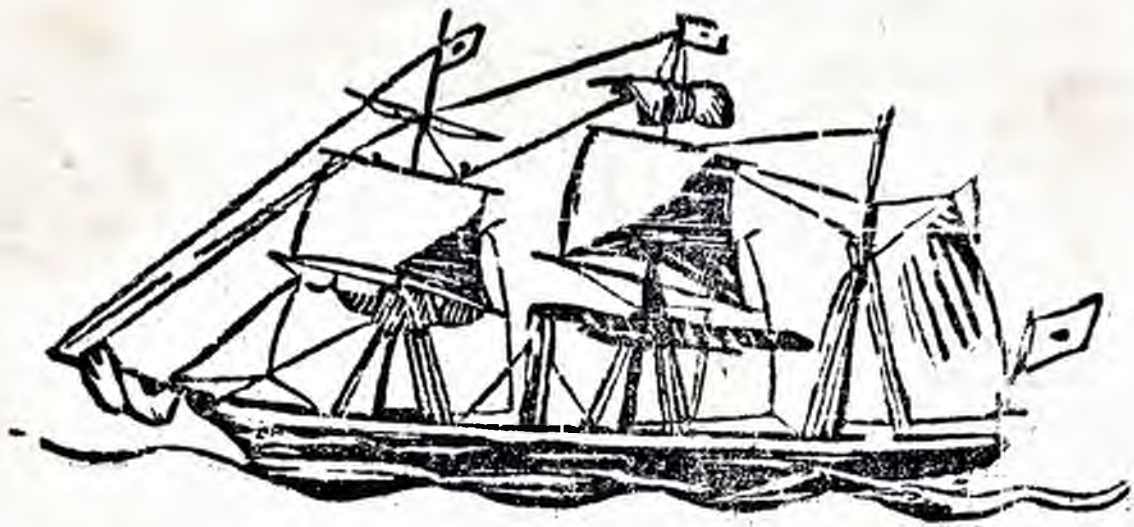
O SONHO.

Um jogador de lansquenet, tendo quasi amanhecido no jogo, onde perdera uma somma avultada, recolhendo-se á sua casa traspassado do somno, foi deitar-se immediatamente. A's 8 horas da manhan, sua escrava levou-lhe o café, e chamou-o mansamente. —Corra! disse elle sonhando, corra!—E' café, tornou a negra; está esfriando.—Ah! já está esfriando?... Bravo; ganhei... é o az de copas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 31.^a e 32.^a folhas do—**ROCAMBOLE.**

Typ. de Marques, Aristides e. C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 DE ABRIL DE 1869.

N. 498.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
28 de abril de 1869.

Officio a Illma. camara municipal, fazendo-lhe sentir o prejuizo que soffre o respeitavel publico não so em sua saude, como em sua commodidade, com os dous buracos existentes, um na Fonte dos Padres e outro na rua de Baixo, provenientes dos canos que arrebentaram, os quaes, alem de exhalarem insupportavel fedentina, alagam a rua de tijueo, em vista do que, acredita-se que a Illma. lançará vistas benovolas para tal reclamação.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar.—Convém que S. S. passe a indagar de onde vieram, hontem 27, duas carroças com 12 saccos de algodão em rama, descarregados no fundo da bodega do Bezerra, ao Caes Dourado, e si é certo que existe ali uma prensa onde se enfarda o mesmo algodão; assim como si é exacto, segundo assevera pessoa fidedigna, que esse algodão foi remittido por um tal João Coxo, que nesse caso deve declarar onde o comprou, si foi ao Chetas Zanaga, ao Domingos Coruja, ou ao Zepherino do Cavaignac, ou si a todos tres cumulativamente.

Tambem convém saber, si é licita a existencia da referida prensa ali, e si ella é propriedade do mencionado Bezerra, ou de um celeberrimo torto de cara ali residente.

S. S., além disso, tratará de syndicar si não é verdade que foram, em dias do corrente mez, para uma recommendavel refinação, aos Coqueiros, alguns saccos de assucar conduzidos em uma carroça e remittidos por Domingos Coruja.

Espera-se de S. S. todo zelo e actividade neste negocio, afim de ver si conseguem conhecer os ladrões e compradores de furtos nessa freguezia.

—O pobre ja não pode viver nesta terra!

Farinha de cinco patacas, carne de cruzado, aluguel de casa pela hora da morte, aquartelamento da guarda nacional e recrutamento, são as commodidades da vida que se encontra.

—E para cumulo de felicidade ali vêm os novo impostos!

—Essa grande calamidade com que nos mimoseou a ominosa dominação progressista.

—E a que o Sr. Itaborahy déu o ultimo retoque com o regulamento que baixou para a arrecadação respectiva.

—Não bastavam os vexames com que ja lutam as industrias e profissões neste desgraçado paiz, era preciso mais este contrapezo!

—Quanto peor melhor!

—Agora o que é preciso é que a nova camara augmente mais alguns impostos para, de uma vez, acabar com o vislumbre de artes e profissões que existe ainda.

—Deixe estar! Dia ha de chegar em que o povo não ha de querer exaurir mais o seu suor em provento de tanto *pancudo*.

—Sabe qual é a recompensa que recebem os voluntarios da patria, quando voltam da guerra?

—O esquecimento, o olvido, ja sei disto.

—Cousa peor.

—Peior? não é possível.

—A ignomia, a deshonra, a chibata.

—Não diga semelhante cousa, homem!

—Ao menos é o que diz a *Opinião Liberal* n'uma informação que lho deram. Veja aqui.

«Ha poucos dias formou-se um quadrado dos soldados destacados em uma das fortalezas desta bahia, para infligir-se o barbaro castigo da chibata a um—voluntario da patria!

Apresentada a victima no quadrado, representou ao major da praça, que não podia receber o affrontoso castigo, porque era cavalleiro do habito da rosa. O major da praça respondeu-lhe «que se lembrasse disso antes do conselho que o mandara castigar.»

O—voluntario da patria—insistiu que não recebia o infame castigo, e cheio de desespero e nobre indignação avançou sobre o major, pretendendo tirar-lhe a espada.

Foi uma scena horrivel. Afinal o—voluntario da patria—foi sempre castigado e recolhido depois a solitaria!

Será verdade que esse homom era cavalleiro da rosa? Que valor terá semelhante tetéia, si nem para acobertar do castigo corporal serve?..

Será bom que S. Ex. o Sr. general Caldwell nos esclareça a respeito.

—Si o que V. acaba de ler é real, este paiz tem descido ao ultimo grau de aviltamento e abjecção.

—Ora! outras cousas tem-se visto..

—Hontem houve incendio em uma propriedade do Sr. Pedroso, no largo Dous de Julho, em que mora o Sr. Dr. Eloy Martins de Souza.

—Ja tive noticia deste incendio, que manifestou-se as 3 horas da madrugada e a que appareceram as authoridades e os soccorros, quando elle ja estava extinto.

—Isto ja é mal muito antigol

—A preponderancia das irmans de charidade vac se estendendo maravilhosamente!

—Por toda parte o seu regimen jesuitico!

—Até sobre a classe militar essas mulheres já predominam!

O asylo de invalidos da corte, instituido pelo patriotismo do paiz, edificado á expensas da charidade publica, é hoje feudo dessas estrangeiras!

A saprema direcção do estabelecimento lhes pertence!

—E os bravos mutilados, que voltam da guerra inutilizados, são obrigados, ali, a curvarem á cabeça ao systema fradesco dessas mulheres!

—E, o que é mais, são d'ali enxotados para a rua os que não se querem curvar ás prescripções dos caprichos feminis dessas estrangeiras.

Um facto recente prova quanto dizemose.

«Pertencia á guarnição do asylo um jovem alferes, que briosamente perdeu a perna direita nos campos do Paraguay, e achava-se de dia no asylo, quando, no exercicio de suas obrigações, foi desrespeitado por um prisioneiro paraguayo ao serviço da enfermaria do asylo: o brioso militar prende-o, mas o paraguayo, em vez de obedecer á voz de prisão, refugiou-se na enfermaria, d'ahi sahe uma das irmans, a qual oppõe-se abertamente á voz de prisão do paraguayo, originando assim uma discussão desagradavel entre ella e o alferes, que não se curvando á autoridade da beata, mandou fazer effectiva a prisão do paraguayo e recolhel-o ao xadrez.

«Passados, porém, tantos dias quantos bastaram para o facto chegar ao conhecimento do paternal ministro, baixou ordem demittindo o brioso invalido daquelle asylo, sem declarar o motivo da exoneração!

«E cil-o ali pelas ruas, a victima da propria dignidade, lutando com os largos proventos que lhe proporciona a sua—pingue—pensão de 1800 rs. mensaes, —digna—indemnisação de uma perna direita perdida aos 18 annos de idade!

«Venceu, portanto, o soberano patronato da irman de charidade; e do asylo destinado para triste hospedaria dos invalidos, foi banido um dos mais recommendaveis ás beneficencias de governo, para satisfazer os caprichos das inexoraveis patroas.

«Aqui cabe uma reflexão: como é que um alferes tem pensão de 1800?»

—E' mais uma das muitas generosidades deste bom governo.

—Essa pensão corresponde ao soldo de sargento; de modo que o brioso militar tem os encargos do tratamento de official, mas para sustental-os dá-lhe o governo o soldo simples de sargento, que foi.

—Em todo caso é uma economia que o governo realisa em compensação aos grandes dispendios no pleito eleitoral.

—Quer ouvir como se esgota o dinheiro do Brazil?

—Diga.

—Ouça:

«Muito recentemente, sabe todo o paiz, correspondencias do Rio da Prata, de Humaitá e Assumpção, e muito autorizadas, disseram abi que nos depositos do nosso exercito, no Paraguay, havia trem e petrechos bellicos sufficientes para a guerra em um periodo de vinte annos.

«Houve sem duvida nisso hyperbole; mas

é certo que trem bellico superabundante ha por lá, e muito so tem desperdiçado.

« Entretanto continuam a sahir transportes carregados de petrechos bellicos para a guerra do Paraguay!

—Si assim não fôra, como é que se baviam de fazer compras de *chegar*, e haver fortunas fabulosas á maneira do Sr. José Candido Gomes?!

Pois não está la na Assumpção o ministro de estrangeiros do Brazil em—missão extraordinaria de fornecimentos—, e a receber dos fornecedores—*banquetes de barriga?*—

—Assim, sim, esta guerra ha de acabar muito breve.

Á PEDIDO

—Capitão, ouça.

—Vá dizendo.

—Pois um tal melro, que é feitor das obras, não comprou em uma venda ao Gravatá uns generos para o seu casamento, e vendo-se apertado, porque o taverneiro queria declarar-lhe o nome no *Jornal*, porque não lhe queria pagar, pediu a um homem que tem charutos para pagar por elle, afim d'elle não ser envergonhado; o incauto, coitado, pagou e foi tambem *porreteado*.

—Mas como V. sabe disso?

—Foi o *Candido* que me contou.

—Ora, o *Candido!*... é um capadocio.

—Si duvida, pergunte ao *José* que estava com o *Sacramento* e viu.

(*Continúa.*)

—Capitão, sou um dos seus menores creados.

—Obrigado.

—V. Ex. sabe que sempre minha presença aqui é para massal-o.

—Não resta duvida; porem occasiões ha em que se aproveita.

—Contento-me com isso, apesar da ironia.

—Não ha tal; e a prova é que peço-lhe que diga alguma cousa.

—Si V. Ex. contenta-se com a que lhe vou offerecer...

—Varro, passe de largo.

—Digo-lhe que não uso como usam os logistas de hoje.

—Mais esta! Vamos ao que serve.

—Então lá vae. Ha em Látronopolis uma casa em que se paga uma disima chamada direitos, onde tanto pagam os estrangeiros como os nacionaes; porem é que me esquece agora o nome que lhe dão.

—Veja si se lembra.

—Si me não engano é uma repartição aduaneira.

—Sei; pode seguir a sua historia.

—Nessa casa ha um enjo que anda de *capa a traz* das costas e é o que manda sobre os outros que nisso se occupam, assim como alem deste tem outro ainda mais a que chamam *inspeccionador*.

—Sei disso.

—Porem V. Ex. não sabe o que anda por lá.

—Nada pode por la haver, pois creio que o homem de quem V. falla é de qualidades que o ornã e de um bemfazejo coração.

—D'esta vez, V. Ex. enganou-se redondamente, o cujo é dos taes que guardam outro no coração, e a prova é que mandou tomar fresco por umas quinze noites a um *monteiro*, nomeando logo um dos seus affeicoados que bem cumprisse os seus desejos.

—Pode ser que isso fosse bem merecido, talvez por faltas de cumprimento de deveres.

—Asseguro á V. Ex. que não; antes tem sido sensivel a falta d'aquelle empregado.

—E como V. sabe disso pelo miudo?

—Porque sou ali simples trabalhador, e vejo o que se faz.

—Olha, rapaz, si o *inspeccionador* souber, tu tens obra com elle.

—Elle que advinhe.

—Bom, finde a historia.

—Faço isso já; comtanto que V. Ex. me encha as medidas na occasião opportuna.

—Depois do remate.

—V. Ex. leu um *Jornal* onde se convidava homens que quizessem trabalhar na tal repartição?

—Não me recordo; porem é provavel.

—Sabe tambem que o regulamento daquella casa manda que só podem ser admitidas pessoas que mereçam completa confiança do que tem á *capa a traz*?

—Sei, sim.

—E como si fazem estas cousas?

—Não sei; talvez o homem tenha algum compromisso.

—Por isso foi que, na occasião em que se fazia a chamada dos novos trabalhadores, appareceu uma voz dizendo—*acceite-se de preferencia os homens que tiverem netas, sobrinhas, e afilhadas.*

—Houvé esta especialidade?

—V. Ex. invoque á *Jesus, Maria e José*, ou então as tres pessoas da *Trindade* que lhe illuminem.

—Capitão, este aventureiro, é um compendio de agitação, impersistencia e tranqbernia em sua vida.

—Aproxime-se.

—Estou ás ordens.

— Creio que já deve saber, que neste tribunal ha uma entidade inexoravel que se chama muxingueiro, o qual dispõe de um agente infallivel para descobrir tudo aquillo que se pretende occultar, isto é, um instrumento chamado taca, — portanto seja claro e verdadeiro na confissão da sua vida.

— Quer que conte a minha vida? Pois vá lá.

Nasci.... sim, é claro que nasci; mas desse dia até os meus trinta annos, corramos um veir e vamos á cousas mais fresquinhas.

Vi-me um bello dia sem vintem; como e o porque, não vem tambem ao caso; consequentemente vamos somente ver os meios de que usei para adquirir dinheiro e possuir hoje fortuna.

Outro, que não fôra eu, vendo-se na penuria em que me achei, teria afundado; eu porem, sem officio nem beneficio, tinha todavia outro dote mais raro, o traquejo e a subtileza, e demais era ousado.

Encaixei-me de caixeiro de um fulano Moniz, a quem Deus haja, mas este depois de tres mezes mandou-me á fava.

Tive noticia de que certo tabellião precisava de escrevente. Effectivamente engajei-me para escrever a raza; mas pouco acostumado a lidar com penna e tinta, atracava 50 digos, em 50 palavras, e tantos digos dizia, que afinal desdizia-me do que havia dito, o que, como é natural, fez-me durar só tres dias, indo eu para o olho da rua com 1\$500 rs. no bolso, apuração feliz de meus digos e desdigos.

Dias depois arranjei-me de caixeiro de certa padaria com 15\$ rs. mensaes; eu que não tinha nascido para padeiro, nunca pude me ageitar com a cousa.

Meu amo depois tirou-me para cobranças. Isto sim, foi um manancial! Os devedores viam-se zonzos commigo; mas meu amo nunca recebia a importancia das dividas integralmente.

O tinhoso, porem, não quer ver as creaturas bem, e si é certo que elle tem duas capas uma que cobre e outra que descobre, depois de me haver favorecido algum tempo com a primeira, desprotegeu-me com a segunda, chegando por consequencia ao conhecimento do patrão as minhas falcatruas. O patrão por ser homem bonachão, tomou por seu barato, perder-me de vista, mandando-me pentear macacos.

Appellei para a engenharia: tratei de medir litteralmente esta cidade; e creia-me V. Ex. piamente, que medi-a ás pernas.

(Continúa.)

Pede-se ao Sr. subdelegado da Praia, que, quando á sua presença forem com insinua-

ções falsas, não dê S. S. ouvidos, para a depois, a seu bel-prazer, ameaçar a pessoas mortigeradas, dizendo que *ficam debaixo das vistas da policia* como si fallasse com ladrões, criminosos, ou *juizes prevaricadores*: lembrando a S. S. que a favor dos offendidos ha o art. 139 do codigo criminal.

O Demerito.

Chama-se a attenção do muito digno e justiceiro Sr. Dr. chefe de policia para o seguinte facto:

Hontem, 27, achavam se alguns *moços espiritualizados* no 2.º andar do sobrado n. 14 Atraz da Cadeia, quina para a ladeira da Praça em completa orgia; chamaram uma preta africana que vendia peixe e pelo simples facto de não se convencionarem no preço, espancaram-na brutalmente e atiraram-na pela escada abaixo, do que resultou ficar ella maltradissima.

Será isso proprio de uma terra onde todos devem acatar as leis e respeitar as authoridades? Estará em harmonia com as garantias do direito de propriedade?

Da rectidão de S. S. espera-se um correctivo para que outro não venha a soffrer o que soffreu a infeliz africana, daquelles *exaltados* senhores.

VARIEDADES

Uma mulher má é a afflicção do coração, é a chaga mortal do seu marido. Valeria mais habitar com um leão ou um dragão. A mulher bella e insensata é semelhante a um anel de ouro em nariz de animal immundo!

A mulher, dizia um philosopho, é o naufragio do homem, a tempestade da casa, o estorvo do descanso, o captivo da vida, o damno de cada dia; apetejada peleja, guerra custosa, fera convidada, leão que afaga, perigo enfeitado, animal malicioso, e mal necessario.

Com as mulheres, dizia um cortezão, não sabe o homem como se ha de haver, porque si as não ama, tem-no por nescio; si as ama, por leviano; si as deixa, por cobardo; si as não segue, por perfido; si as serve, o aborreecem; si as quer, não o querem; si as não quer, o perseguem; si as frequenta, é mais que louco; si as não frequenta, é menos do que homem!